

Continuar

dimensões 1

Assinaturas



BARÃO DE IBITINGA (Joaquim Ferreira de Camargo Andradá
(1830 - 1915)

Tela de: Stehler Morisset

Coleção da CÂMARA MUNICIPAL de Campinas.

Nickelsen & Ferreira
Fotógrafos



Estúdio Fotográfico de Nickelsen & Ferreira - Campinas 1890

Campinas, 13 de novembro de 1977

“NA CAMPINAS 77,

A DESCOBERTA DE UM MUSEU FAMILIAR”

Reportagem Léa Ziggianti Monteiro

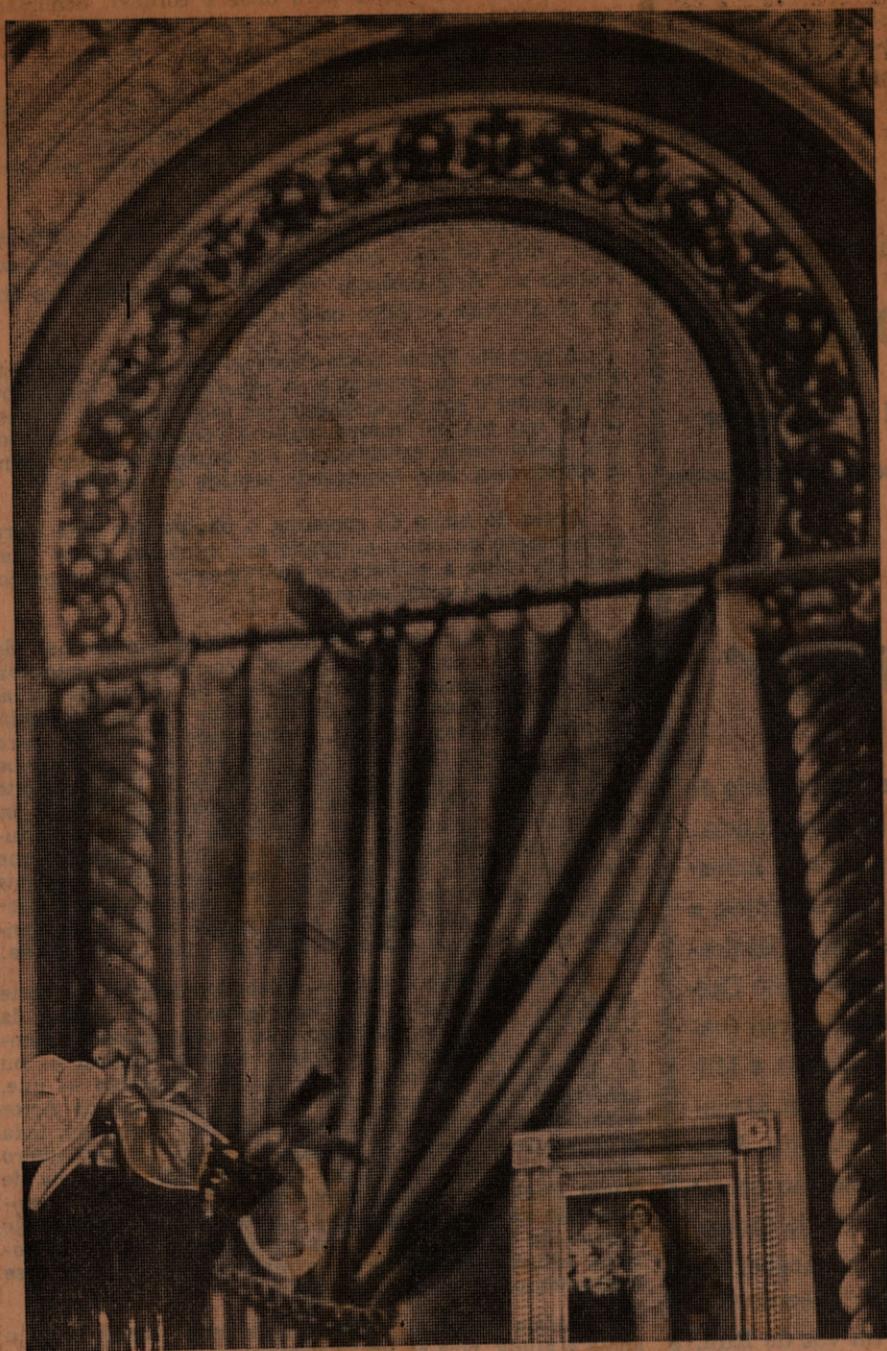
Fotos Ubirajara

Me indisponho contra a cidade que cresce... Ela envolve a gente de agitação, rodeia a gente de multidão, que acaba se isolando nos arranha-céus de concreto armado. Percebo as gentes nos elevadores, todos tensos e de olhar sem ver... A cidade de concreto é um mundo a se descobrir. Mas ciosa, ciumenta de intimidades, guardando suas nostalgias como um pecado, que a ninguém interessa conhecer. Houve época em que era mais fácil: a gente se encontrava com um conhecido na rua - houve um tempo em que em Campinas, era fácil encontrar um conhecido na rua - e ele dizia:

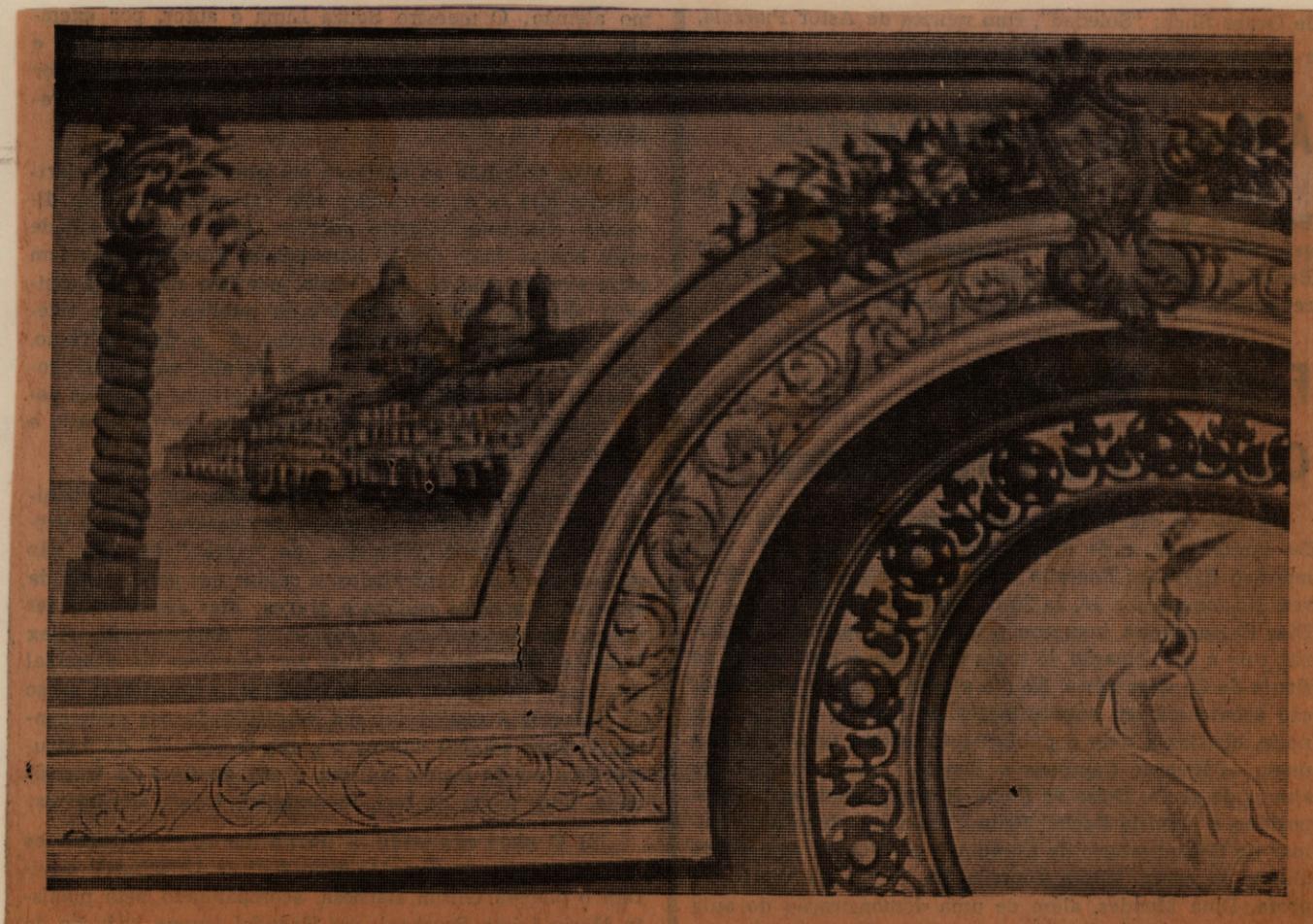
- Sabe, Léa, tenho um assunto formidável, bem no seu estilo...

E contavam de um velhinho italiano que esculpia maravilhas em madeira... E falavam de um baiano, esportivista em molhos de pimenta. E era uma delícia constatar que era possível fazer turismo na própria terra. E descobrir coisas, e descobrir gentes. Agora, é mais difícil. Ninguém se interessa mais em divulgar poesia simples e boa, e familiar e amiga, numa cidade que cresce. Há assuntos mais palpantes, mais metropolitanos, com apresentações diárias de artistas internacionais, com os teatros e casas de espetáculos abrigando música jovem.

Por isso, foi bom, muito bom, quando Maria Luiza telefonou; ela que guarda uma sensibilidade quarentona para tudo que é nosso, que ainda tem tempo de ler, no Centro de Ciências, onde é bibliotecária, e se inibir de paz, e descer calmamente a Rua Thomaz Alves e anunciar para nós, cheia de alegria, a sua sugestão para a nossa reportagem de domingo:



Na Rua Thomaz Alves, é uma casa pequena e comum, com uma pequena área cheinha de plantas. Ninguém poderá imaginar que lá dentro, as paredes ostentam há quarenta e cinco anos reproduções de palácios e mansões de Veneza, na Itália. É que Tullio Nigris, veneziano de origem, transplantou para a sua casa, em 1932, todas as impressões que ainda estavam nítidas e indeléveis na sua memória. Hoje, Tullio, aposentado, já não pinta mais... Passeia pelo Jardim do Largo do Bicentenário, bem em frente à sua casa, fuma calmo o seu cachimbo e conserva na salinha amiga de sua casa, a pintura que fez com tanto amor, e que continua quase que intacta nas cores e nos desenhos, com brasões e escudos dos lugares que amou.





Ele era italiano e apaixonado pela noiva, Virginia. Isso, em 1932... E resolveu fazer uma surpresa... Decorar a casa, com alguma coisa sua, com o talento latino herdado e sentido na pátria de todas as artes — a Itália. Um homem que nasceu em Veneza, nunca mais poderá esquecer uma tal terra. Tullio Nigris era um veneziano... Passara a infância numa terra mistério, cercada de passado e de tradição por todos os lados, penetrara nos palácios, nas casas que se transformaram em autênticos museus, com seus afrescos nas paredes com seus objetos preciosos. O seu ninho seria assim. Ajudado por seu tio, Giuseppe Rosado, artista consagrado, resolveu decorar a pequena casa em que iria morar depois do casamento. Esboçaram os afrescos que deveriam decorar as paredes e o teto... Nas paredes, cercou-se das paisagens da terra querida: os canais e os palácios de Veneza, a «piazza» de San Marco... Em homenagem à terra que o abrigava, pintou uma praia do Rio de Janeiro... No teto, as figuras das deusas que o haviam impressionado nas lições de arte e beleza, aprendidas no dia a dia na Itália: os pequenos deuses da Agricultura, da Música, da Paz e a potencialidade do Deus Sol...

Pura e nua, numa das paredes, uma alegoria à liberdade, que o padre na época pediu encarecidamente que fosse vestida com um véu.

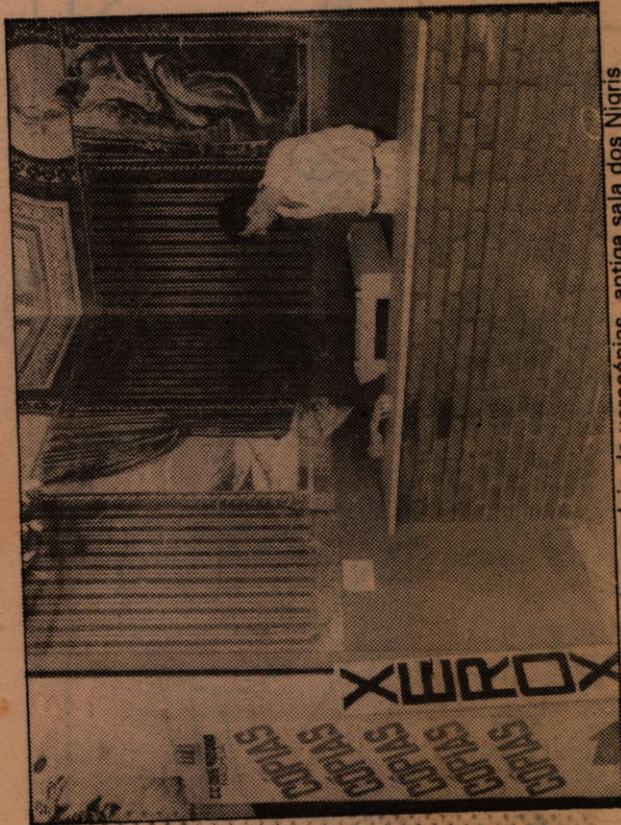
Tullio Nigris não pode continuar seu destino de pintor. A vida, dura, fez com que procurasse um emprego fixo... Durante muitos anos, a sua figura simpática era vista nos cinemas da cidade, onde funcionava como gerente: no Rink, no Voga.

Da arte antiga, permaneceu a sala decorada, o quadro na cabeceira da cama e que ainda estão intactas e impossíveis, ali, em plena Thomaz Alvez, infestada de «butiques» finíssimas... Incrível, que nenhuma delas tenha descoberto a casa singular de Tullio Nigris para ali fazer funcionar um antiquário ou uma loja fina para presentes...

A sala inicial é uma glória e já teria o «decor» natural para qualquer comerciante de bom gosto... Por enquanto, para os visitantes desavisados, como eu, ou Maria Luiza, o jeito é se armar de cara e coragem, penetrar na pequena área cheia de folhagem e trepadeiras e pedir para dona Virginia, se não se incomoda da gente dar uma espiadinha. E vê-la se abrir amável, sem muita convicção do valor da sua casinha sem luxo, mas que guarda um testemunho inequívoco da influência italiana dentro da cultura e da realidade campineira.

Campinas, domingo, 8 de janeiro de 1989

ESPECIAL



O afresco está numa loja de xerocópias, antiga sala dos Nigrís

Um painel resiste em rua central

Nem tudo está descaracterizado na rua Tomaz Alves. Em meio ao que restou do casario tradicional — uma dúzia de prédios, se muito —, resiste um afresco pintado pelo escultor Tullio Alberto Negrís. Ironicamente, o painel funciona como uma espécie de cartão de visitas da modernidade — no caso, uma

pequena sala onde são tiradas xerocópias. A loja, situada no número 174, é administrada pelos netos de Negrís, entre eles um homem, Túlio.

O painel, pintado em 1928, foi um presente do escultor a sua então noiva, Virgínia Pinheiro, uma lúcida septuagenária que é capaz de se lembrar com detalhes

do quase meio século vivido com Negrís. "Ele era um italiano típico, sentimental, apaixonado. Ao mesmo tempo, era arreado e detestava a fama e a bajulação", lembra Virgínia.

O afresco decorou, até 1980, a sala de visitas dos Nigrís, a reside hoje apenas pela persistência da família. O inevitável assédio

das construtoras para não sensibilizar os netos do escultor. "Já ofereceram muito dinheiro pela casa, mas enquanto eu estiver vivo ninguém vai mover uma palha. Até o Patrimônio Histórico fez uma proposta de tombamento, mas prefiro preservar por conta própria", sentencia Túlio, sob as luzes fosforescentes da máquina de xerox.

O que representa a pintura

Para pintar o painel, Nigris lançou mão de recursos hoje em desuso — uma exótica mistura composta de leite, gema de ovo e pigmentos naturais. Tal alquimia faz com que, no escuro, o desenho ganhe contornos cintilantes, embora uma eterna infiltração de água já tenha desbotado alguns pontos laterais do afresco.

Fragmentado e estilisticamente profuso, o painel está dividido em várias fases, aparentemente dispartadas entre si. Esta falta de unidade na obra é um reflexo direto do imaginário do autor, que transpôs para a parede o resgatado em sua memória, desde as viagens até chegar no

campo das influências e convicções ideológicas.

O desembraque do escultor no Brasil está registrado no painel. A praia de Botafogo — bruta e talmente desfigurada nesses 60 anos — surge bucólica, à direita de quem entra na sala. A viúva de Nigris garante que a transposição é fiel. "Ele tinha doze anos quando chegou no Rio de Janeiro e ficou extremamente impressionado com a beleza natural da cidade", atesta Virgínia.

Impressões à parte, Nigris deu mostras extremadas de que sua grande paixão era mesmo a Itália, aquinhoada com o grosso

do afresco. O autor tratou de pintar a infância antes que a memória lhe pregasse uma peça.

Os arredores de Udine — sua terra natal — iluminam a parede esquerda da sala. O desenho traz imensas montanhas cobertas de neve, circundadas por casebres onde pastores e cabras se refugiavam das tempestades.

O centro do painel é de suscitar polémicas. Ali, reluz nada mais, nada menos, que o símbolo fascista, representado pela figura "Itália Livre" — majestosa, uma mulher longilínea domina a cena. A família do escultor se esquivou do assunto, mas nas entrelinhas deu a entender que o amor de

Nigris por Mussolini foi efêmero — de resto, o mesmo amor nutrido por outros milhões de italianos.

Mas o exemplo esparramado de grandiosidade ficou com Venezia. Sobrepostos aos demais, os detalhes da cidade trazem o fausto arquitetônico dos palácios e registram a importância histórica dos canais centenários.

A mitologia grega também dá o seu ar da graça. No teto, levemente ovalado, alguns deuses do Olimpo — entre eles, do Amor e da Música — zelam pela obra, talvez rezando para que ela não seja mais uma a entrar na extensa lista da destruição.

A trajetória do autor do afresco

O escultor e pintor italiano Tullio Alberto Nigris nasceu em Udine, em 1916. Desembarcou no Brasil em 1928, se estabelecendo em Campinas. Seu primeiro contato com a vida artística aconteceu na Oficina Maçon — hoje desativada —, onde aprendeu a esculpir. Logo Nigris montaria seu próprio negócio, esculpindo

túmulos e mausoléus para as famílias mais influentes de Campinas. Muitos desses trabalhos, marcados pela opulência, ainda podem ser encontrados no Cemitério da Saudade.

Paralelamente, Nigris fazia pequenas peças de mármore, sem chegar a expô-las.

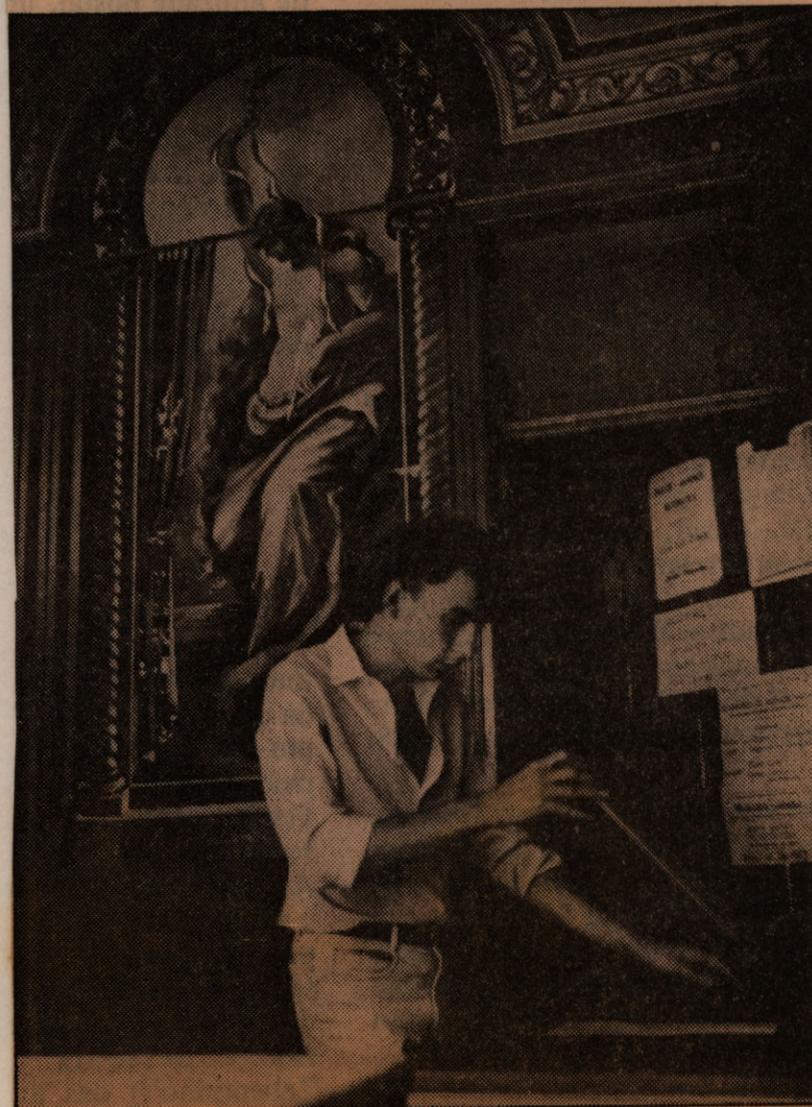
No pós-guerra, os negó-

preferiu ignorá-lo.

Nos anos 50, Nigris abandonou tudo e partiu para o ramo do cinema. Não teve sorte. O Rink, do qual era gerente, desabou em um incêndio, matando centenas de pessoas. Aposentado, Nigris preferiu trabalhar apenas por amor à arte. Um câncer nos pulmões o matou em 1980.



Os deuses do Olimpo aparecem na parte superior do painel



Túlio, o neto: convivendo com o moderno e com o antigo

Noguchi - Hideyo

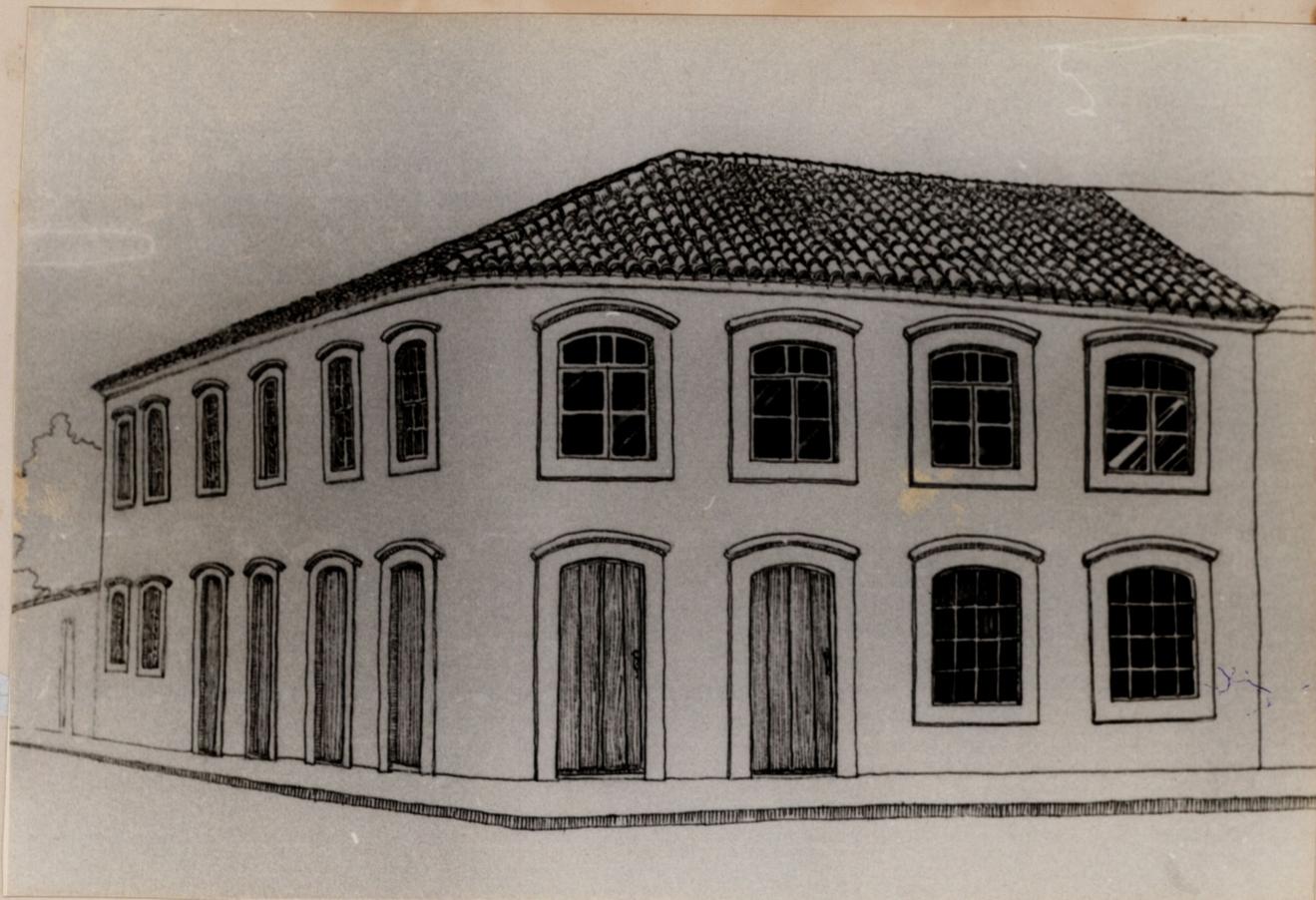
Monumento do ~~centenário~~ cinquentenário
da inauguração da imigração Japonesa.

Inaugurado a 18-VI-1958

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Vejá album especial

NOGUEIRA - Spenser de Moraes Pupo Nogueira



Bico de Pena do "Solar dos Pupos" construído em 1780, aproximadamente.

Spenser, titulado engenheiro pela Universidade Estadual de Campinas, da qual já ocupou o cargo de diretor.

Ules

Norfini, Alfredo

a Florença, de família patriciã
Cor. da O. de Malta

Theodoro Braga, 173

guarda ~~por~~ ~~o~~ ~~seu~~ ~~nome~~.

Conta José Pompeu de Camargo que Norfina estava em Buenos Aires, quase sem serviço quando foi apresentada para Antônio Ferreira (de Campinas) que o convidou a vir para esta cidade, sendo aceite o convite.

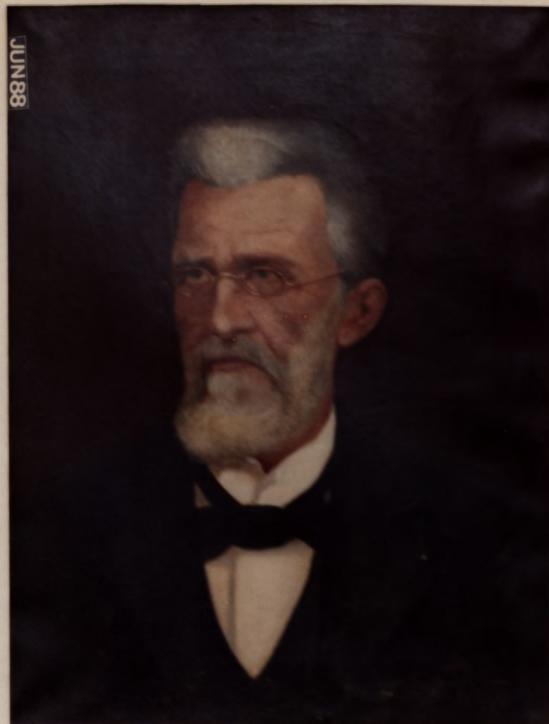
Conta Cid Ferreira de Camargo que o seu pai Artur Ferreira de Camargo, fazendeiro, conhecendo Norfina em Campinas, levou-o para a sua fazenda dando-lhe casa e passadiz; Norfina teve, então, bastante serviço de encomendas.

Tem trabalhos na Pinacoteca do Estado

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP

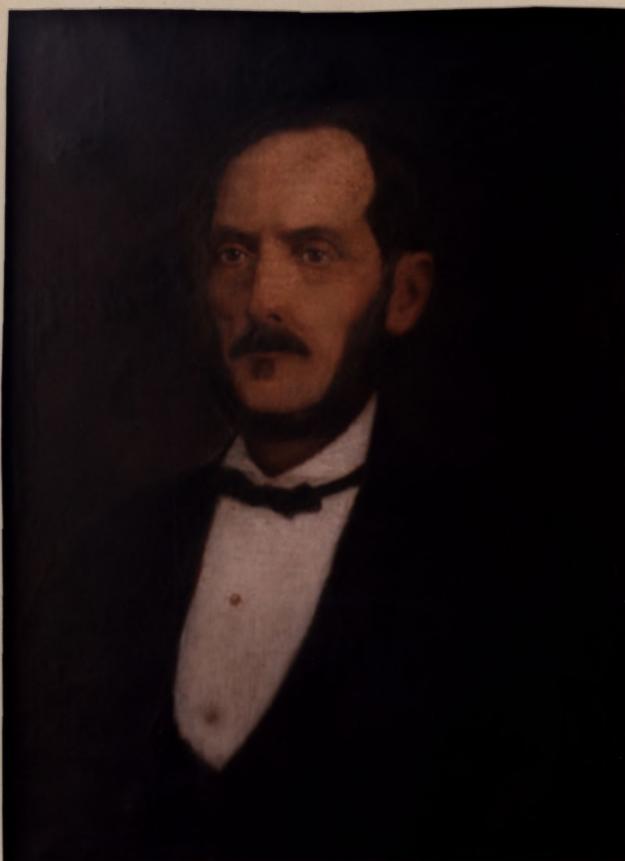
Em 1900 estava estabelecida à rua de Luirins n.º 38 - Campinas

Alfredo Norfini:



Retrato de Joaquim Teodoro Teixeira Nogueira
coleção de Célia de Camargo
Silva.

ALFREDO NORFINI?



Retrato de Hércules Florence

Coleção José Geraldo Motta Florense.

Norking - Miriam Guedes de Tullio (Mirona)

Kaneko e Mirona abrem exposição hoje no Macc

Duas exposições entram em cartaz hoje no Museu de Arte Contemporânea de Campinas (Macc): *Registro no Espaço*, da artista plástica campineira Miriam Guedes de Tullio Norking, ou simplesmente Mirona, e uma retrospectiva dos 30 anos de Brasil do pintor Kenichi Kaneko, bastante conhecido no País não apenas por seus quadros mas por seu trabalho de ator em comerciais de TV (lavadora Enxuta, Palitinhos da Elma Chips, Kodak etc), filmes (*Gaijin*, de Tisuka Yamasaki) e novelas (*Rainha Sucata* e *Os Imigrantes*).

Registro no Espaço reúne sete instalações de Mirona, compostas por 14 quadros feitos em bico de pena, unidos por fios metálicos. É a primeira vez que a artista expõe esse trabalho. Ao lado das instalações também estarão expostos dez desenhos de Mirona feitos em bico de pena seco (sem tinta), em baixo-relevo, cobertos com cera. Apesar de desenvolver trabalhos em outras técnicas, como óleo sobre tela, Mirona tem uma certa preferência pelo bico de pena, técnica que tomou contato pela primeira vez em 1969.

Nascido na cidade de Yokoha-

ma, no Japão, em 1935, Kenichi Kaneko está há 30 anos radicado no Brasil (atualmente mora em Valinhos). Ele iniciou nas artes plásticas ainda no Japão e cursou a Escola de Belas Artes de Tóquio. Entusiasmado com o sucesso de seu conterrâneo Kenzo Okada nos Estados Unidos, ele resolveu tentar a sorte no Ocidente, e acabou vindo para o Brasil.

A exposição que ele inaugura hoje no Macc, reúne 38 quadros em acrílico sobre tela numa espécie de retrospectiva de seus 30 anos de Brasil. Algumas das obras pertencem a ele mesmo e outras são de coleções particulares. Em todos esses anos de Brasil, Kaneko já participou de inúmeras exposições no País e no Exterior, inclusive em sua cidade natal.

Registros no Espaço - Exposição que reúne sete instalações da artista plástica Mirona, de hoje a 10 de março no Museu de Arte Contemporânea de Campinas (Macc), rua Benjamin Constant, 1.633, telefone 31-0555 ramal 346.

Kaneko - Exposição de 38 obras de acrílico sobre tela do pintor Kenichi Kaneko. Retrospectiva dos anos 30 da presença do artista plástico no Brasil. De hoje a 10 de março no Museu de Arte Contemporânea de Campinas (Macc).

OSWALDO KAIZE



A artista plástica Mirona ontem no Macc mostra uma de suas obras

Pinturas e instalações de Kaneko e Mirona no Macc

O Museu de Arte Contemporânea de Campinas recebe a partir de hoje obras dos artistas plásticos Kinichi Kaneko e instalações de Mirona, que podem ser vistas até o dia 10 de março.

Kaneko, imigrante japonês de Osaka, formado em belas artes na Escola de Belas Artes de Tóquio em 1958, é mais conhecido do grande público por suas atuações na televisão e cinema, como na novela "Rainha da Sucata", onde fez uma ponta, interpretando o falecido engenheiro de implôsões Takahashi para pôr "a prédio na chon". Ou no cinema em "Fogo e paixão", onde Kaneko é um turista japonês sempre de filmadora na mão.

Kaneko participa de exposições no Brasil desde que chegou

Alexandre Battibugli



Mirona apresenta suas instalações com quadros e metais

aqui, em 1960, entre elas a VII Bienal de São Paulo de 1963. Ele é membro da Comissão de Arte

Koguel de Cultura Japonesa e da Comissão do Salão Bunkyo. Para catálogo de exposição, Estevam

S. Takly escreveu: "Vindo de uma formação humanista e aborda as gerações do pós-guerra, a obra de Kaneko oscila frequentemente entre dois pólos: o lado brasileiro, com cores alegres e o lado japonês, com cores escuras em tom pastel (...)"

Mirona, ou Miriam Guedes de Tullio Norking, é formada no Instituto de Artes da Unicamp, e dedica-se, desde 69, a pesquisas com o bico-de-pena em grandes proporções. Fez também cursos de xilogravura a gravura em metal.

Desde 82 participa de coletivas. Em 1984, foi uma das fundadoras do Sótão Grupo de Arte em Campinas. Alguns de seus óleos sobre tela e bicos-de-pena, estão expostos em Copenhague, quando visitou a Dinamarca.

Ules

Whimstron, Julio

" esteve em Campinas em 1887, quando
fez retratos como o do professor Joao
de Alencar Fernandes ^(da Santa Casa) e o de D. Leonor
Xavier Alves da Silva (coleção do autor) "

Berço 204

Óleo de JÚLIO OHMSTRON



0,71 X 0,58

ass. - Cantos direita baixa

Retrato de Dona Leonor Xavier Alves da Silva

Tela de 1887

Coleção Annita e Celso de Mello Pupo.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP

Ules

Urtells, Carlos

notícia (Gazeta 31-III-1881) - 8-V-1881, 23-IX-1881 - 29-III-1883

retrato de Joaquim Alves Franco (Gazeta 31-VII-1883)

Entre as obras, até um Pancetti

A exposição com a coleção Raul Forbes irá de 23 de fevereiro a 31 de março na Galeria São Paulo, em São Paulo. As obras serão apresentadas com preço fixo.

Entre as "blue chips" do leilão, destacam-se as seguintes obras:

Nossa Senhora da Conceição - escultura do século XVIII, em madeira policromada, de autoria de Aleijadinho. Trata-se de uma das poucas obras do autor com origem confirmada. Preço: Cz\$ 5,4 milhões.

Rochedo - óleo sobre madeira de 1915, de Anita Malfatti, uma das primeiras pintoras modernas brasileiras. Este quadro é considerado um precursor do expressionismo a nível internacional. Preço: Cz\$ 3,5 milhões.

Os visitantes - óleo sobre tela, de 1943, de Ernesto de Fiori, pintor de origem italiana, radicado no Brasil, e falecido em 1945. Preço: Cz\$ 2,7 milhões.

Figuras Sobrepostas - óleo sobre cartão de Ismael Nery, falecido em 1934 e considerado o precursor do surrealismo no Brasil. Preço: Cz\$ 6,75 milhões.

Mangas - óleo sobre tela, de 1950, de Pancetti, pintor campineiro falecido em 1958, e que se especializou em paisagens marinhas. Preço: Cz\$ 2,43 milhões.

A Grande Fachada - quadro que marca a fase de fachadas e casários de Volpi, considerado por muitos o maior pintor vivo do País. Preço: Cz\$ 4,05 milhões.

Abaporu - considerado, por muitos, o mais importante quadro pintado no país, que inaugurou o Modernismo nas artes brasileiras. É de Tarsila do Amaral. Preço: Cz\$ 54 milhões.

Para maiores detalhes acerca das obras, consulte-nos "História da Arte Brasileira", de Pietro Maria Bardi (Editora Melhoramentos), "Dicionário das Artes Plásticas no Brasil", de Roberto Pontual (Civilização Brasileira) e "História Geral da Arte no Brasil" de Walter Zanini (Istituto Walther Moreira Salles).



'Praia da Gávea', quadro original de Pancetti que teve uma cópia apreendida pela polícia do Rio

Colecionador denuncia falsificação de Pancetti

Da Reportagem Local

Para exemplificar a fragilidade do mercado, o colecionador Gilberto Chateaubriand denuncia que um quadro falso do pintor Pancetti foi anunciado em um leilão no final do ano passado em São Paulo.

Dono de uma das mais importantes coleções particulares do Brasil, Chateaubriand lembra que viu a reprodução de "uma falsificação grosseira" de um quadro de sua propriedade no catálogo da exposição feita em setembro pelo leiloeiro Ricardo Saba.

Segundo Chateaubriand, a tela anunciada como "A Praia" por Saba é "um pastiche" de "A Praia da Gávea", pintado em 55, diante

de Chateaubriand.

"Estávamos na praia. Quando voltamos, meu carro tinha sido arrombado. Pancetti me deu o quadro como uma compensação. Agradeço aos ladrões", conta.

O colecionador cedeu suas obras em regime de comodato ao MAM (Museu de Arte Moderna) do Rio em 93. Atualmente, "Praia da Gávea" está no depósito do museu.

"Esse quadro é uma raridade. Foi feito no fim da vida por Pancetti e é a única tela completa do Rio de Janeiro. Nessa falsificação grosseira acrescentaram barcos e personagens", afirma.

O leiloeiro Ricardo Saba diz que esteve com a obra em consignação e chegou a anunciá-la em catálogo.

Mas garante que retirou a tela do leilão quando foram levantadas dúvidas sobre sua autenticidade. Três marchands o aconselharam a não negociar o quadro e devolvê-lo.

"Isso já aconteceu com todo mundo no mercado. Também erramos. Não somos deuses", diz Saba, que se negou a fornecer a identidade do proprietário do Pancetti falso. Ele alegou que precisaria de autorização da Junta Comercial.

Chateaubriand acha que existe uma rede de falsários com ramificações no exterior. "O mercado de arte é muito frágil no mundo inteiro. É preciso pegar os autores das fraudes e colocá-los na cadeia."

(LAR)

Colecionador faz denúncia de falsificação de obra de Pancetti

SÃO PAULO - Para exemplificar a fragilidade do mercado, o colecionador Gilberto Chateaubriand denuncia que um quadro falso do pintor Pancetti foi anunciado em um leilão no final do ano passado em São Paulo. Chateaubriand lembra que viu a reprodução de "uma falsificação grosseira" de um quadro de sua propriedade no catálogo da exposição feita em setembro pelo leiloeiro Ricardo Saba. Segundo Chateaubriand, a tela anunciada como *A Praia* por Saba é "um pastiche" de *A Praia da Gávea*, pintado em 1955, diante de Chateaubriand.

"Estávamos na praia. Quando voltamos, meu carro tinha sido arrombado. Pancetti

me deu o quadro como uma compensação. Agradeço aos ladrões". O colecionador cedeu suas obras em regime de comodato ao MAM (Museu de Arte Moderna) do Rio em 1993. Atualmente, *Praia da Gávea* está no depósito do museu. "Esse quadro é uma raridade. Foi feito no fim da vida por Pancetti e é a única tela completa do Rio de Janeiro. Nessa falsificação grosseira acrescentaram barcos e personagens", afirmou. O leiloeiro Ricardo Saba disse que esteve com a obra em consignação e chegou a anunciá-la em catálogo. Mas garante que retirou a tela do leilão quando foram levantadas dúvidas sobre sua autenticidade.

Ules

ARQUIVO
Colo Maria e Mello Pupo
Campinas - SP.

Papf, Ernesto

retrato do ^{filho de} Ant^o - Luis Rodrigues (Gazeta 17-II-1887)

idem Floriano de Comago Campos (Gazeta 21-IV-1886)

idem Evangelina Engler Reaid (Gazeta 21-IV-1886)

idem Bento Lucrino dos Santos } 1^o VII-1906 - cidade (Novais)

idem José Bento Nunes

idem Antônio Lobo

} mandado fazer pelo Ste Casa
A cidade 10-VIII-1906

idem Ant^o - Luis Rodrigues, mandado fazer pelo Ste Casa
A cidade 7-VI-1906

idem Urosimbo Maia - (Cidade 29-III-1900)

† O autor grande retratista que nos visitou foi Ernesto Papf, de quem Sandelino Freire diz, "artista muito conceituado na sua época"; e Teodoro Braga registra em "alemão falecido em São Paulo aos 77 anos"; de 1889, magnífica tela sua figura no Museu Arqueológico, com o retrato do Cônego Cipião, mandado pintar e operado como prova de qualidade pelo heróico trabalho deste vigário da Matriz Nova, durante as calamidades da febre amarela; na Câmara Municipal está a

grande tela que pintou com a figura, (Paff 2
de corpo inteiro, de José Paulino Nogueira. de seu
autor, tem a Fundação de Misericórdia, na gale-
ria de heremitas, retratos de Francisco An-
gusto Pereira Lima e do Comendador Francisco
de Paula Camargo; na biblioteca do Barão de Geral-
do de Resende, fazendo Santa Genebra, figurava a
tela sua com o retrato de D. Pedro II. ⁷ Bercs 204.

Ivodoro Braga, 180 - Landelin 157

Collecão Sta Casa, quadros n.º 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 10, 11, 14, 15, 16, 17,

"Cidade de Campinas" 1.º VII, 28.º VII, 10.º VIII - 1906

Óleo de ERNESTO PAPP



Retrato de Dr. Francisco Augusto Pereira Lima

Tela de 1893

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

Óleo de ERNESTO PAPP



Retrato de Francisco Buene de Lacerda

Tela de 1905

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Óleo de ERNESTO PAPF



Retrato de Madre Ana Justina Martinet

Tela de 1905

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP

Óleo de ERNESTO PAPF



Retrato de Francisco de Paula Camargo

Tela de 1905

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupó
Campinas - SP

Óleo de ERNESTO PAPP



Retrato de Dona Manuela de Arruda Camargo

Tela de 1905

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

Óleo de ERNESTO PAPF



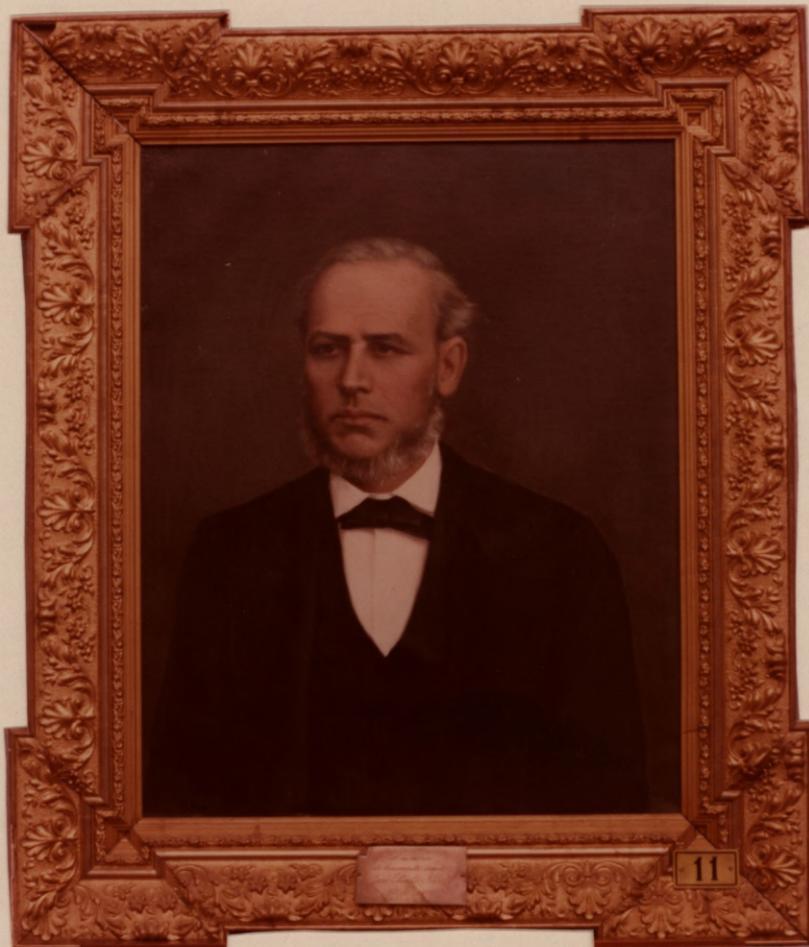
Retrato de Bento Quirino dos Santos

Tela de 1906

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP

Óleo de ERNESTO PAPF



Retrato de José Pinto Nunes

Tela de 1906

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Óleo de ERNESTO PAPF



Retrato de Dona Maria Adelaide Vieira Lins de
Vasconcelos

Tela de 1906

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Papff - Karl Ernest



Verso da figura:

Quadro a óleo de Antônio Lobo, pintado por Karl Ernest Papff, em 1906 - Provavelmente baseado na foto abaixo, do mesmo ano e muito parecida (coleção de seu bisneto, Plínio Guimarães Moraes) - Fev./1992



Brasão de Família

Matéria: madeira recortada .

Dimensões: altura 0,65.

Época: atual

Autor: pintora heraldista, dona Maria Tereza
de Nello Pupo Simioni. (Terez)

Colecção: Celso Maria de Nello Pupo

Observações: contém as armas de Nogueiras - Bo-
telhos - Nello - Lemes.

Por Theodoro Braga, da São Paulo Editora Ltda.

Fls. 194:

PIERRECK - alemão, viveu no Recife.

- História da Arte, por Paes Barreto.

- Revista do I. H. G. Brasileiro (Congresso Internacional de História da América. Rio, 1922). Vol. IX.

- História das Artes Plásticas no Brasil, por Argeu Guimarães, Ri
Rio, 1930 - pg. 456.

- Dicionário do I. H. G. Brasileiro, Rio, 1922 - pag 1608.

São conhecidos ^{sete} cinco retratos pintados por êste pintor, em Campi-
nas: Tres na família de Hélio Duarte de Arruda, sendo do ano de
1879; um na Coleção do Centro de Ciência, retrato do Presidente
Campos Sales; e um retrato da Viscondessa de Campinas, do ano de
1880, coleção de Celso Maria de Mello Pupo.

Mais um, do R. Itapura, 1878 na Câmara Municipal - 1878

" " de Correia de Mello, 1878 "

" " do Conde de Parnaíba e outros no Comp. Moçambique

Na fazenda que foi do Conde do Pinhal, em São Carlos,
há um retrato de el. Pedro II pintado por Pierreck

Campinas, 10 de junho de 1965.

= FERNANDO PIERRECK = " PINTOR. "

Henrique Rossen um dos melhores fotografos estabelecidos em
Campinas no seculo passado pretendendo melhorar os serviços
de sua especialidade em 1878, contratou FERNANDO PIERRECK
destacado pintor, formado pela academia de Viena e com gran-
de projeção na Europa, especialista em retratos do tamanho
natural, que executou varios trabalhos para importantes fami-
lias locais.

Informação de José de Castro Mendes.

Aquarela de JOÃO MAURÍCIO RUGENDAS



Época: 1819

Coleção Annita e Celso de Mello Pupo

Dimensões: 0,32 X 0,24

Aquarela de JOÃO MAURÍCIO RUGENDAS



Época: 1819

Coleção Annita e Celso de Mello Pupo

Dimensões: 0,22 X 0,15

Aquarela de JOÃO MAURÍCIO RUGENDAS



Época: 1819

Coleção Annita e Celso de Mello Pupo

Dimensões: 22 X 15

crayon

Teles, Vitor

retrato de sr. Petoldi - Gazeta 16-V-1878

Elkinice
Torini

óleos

Imaculada conceição, para altar
painel de Santa Casa (Gazeta 27-V-1877)

retrato de Jm. Correia de Mello (Gazeta 25-VII-1878)

notícia (Gazeta 20-IX-1879) 22-VII-1882

retrato do Sr. D. Lucio Teles para companhia
Moziana (Gazeta 15-V-1878)

retrato de Ant^o Jm. de São Paio Peixoto
(Gazeta 9-III-1877)

idem falecida Baronesa de Três Rios (Gazeta 9-III-1877)

idem F^{ca} Laurina dos Santos (Gazeta 9-III-1877)

seriões de Curitiba?

reza Concilios

Fez retratos para a Catedral de Campinas e decorou
a Catedral de Curitiba (Rev. Centro de Ciências de 30-IX-51-XII
de 1916, pag. 37)

"O Constitucional" de 2-VII-1882

"Tambem na vitrina do estabelecimento do Sr. Vigier, acha-se um outro quadro em ponto grande, com o retrato a óleo do general Saibaldi. Este bonito trabalho é feito pelo conhecido retratista Sr. Torini

N I C O L I N A V A Z



Parte do quadro de Eliseu Visconti
no Museu Nacional de Belas Artes.

Rio, 18 de fevereiro de 1970

Ilmo. Sr.

Celso Maria de Mello Pupo

Diretor do Museu Arquidiocesano de Campinas

Senhor Diretor

Atendendo a solicitação de V.Sa., enviamos aqui uma relação dos trabalhos de Nicolina Vaz de Assis, existentes neste Museu da República.

Busto do Mal. Deodoro da Fonseca

" " " Floriano Peixoto

" de Prudente José de Moraes e Barros

" " Manoel Ferraz de Campos Salles

" " Francisco de Paula Rodrigues Alves

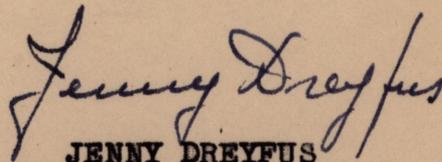
" " Afonso Augusto Moreira Pena

" " Nilo Peçanha

" do Mal. Hermes da Fonseca

" de Wenceslau Braz

" " Delfim Moreira



JENNY DREYFUS
Chefe do Museu da República

Escultura

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

~~Vaz de Assis~~

Nicolina ~~1902~~

campineira

4 esculturas de gesso operadas ao Sênio de Torres - ~~Opção~~,
operadas pelo Secretário do Interior - Cidade 31-VII-1902

estátua "A Glória" túmulo de Gel Magalhães - "Cidade" 30-V-1905

busto de Sr. Guilherme da Silva - no Cemitério da Saúde
de Campinas

Heulio Battistoni Filho - "A Vida Cultural em
Campinas Nos Anos 20" - 79

"A Cidade" 4-II-1902" túmulo de conto de Magalhães com a
estátua da glória.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Esteve casada em primeiras núpcias com Sr. Benigno
de Assis, ^{meu} ~~meu~~ em segundas com Pinto do Couto,
tendo usado os apelidos dos dois maridos.

Carlos Ferraz, em "Figuas - Fucões" 257

BUSTOS

(D. NICOLINA VAZ DE ASSIS)

("Carta ao Dr. Garcia Redondo")

Seria imperdoável falta de minha parte, meu ilustre amigo, deixar de corresponder prontamente, e com a maior solicitude ao seu nobre apêlo, relativamente à pessoa e aos méritos artísticos da nossa ilustre patriícia D. Nicolina Vaz de Assis, cujo talento para a difícil arte da escultura tão pronunciado se mostra.

Agradeço-lhe a idéia que o levou a tratar de tão simpático assunto, e encho-me de satisfação pela honra que me concedeu, lembrando-se de minha pessoa para uma apresentação de tão distinta senhora aos nossos estimados colegas da imprensa paulistana.

Em tal emergência, creia que sinto deveras não reunir em mim as condições superiores, que fazem do indivíduo um valoroso sustentáculo de pretensões e de personalidades artísticas que desejam ser acompanhadas até à elevada esfera da publicidade e da opinião.

Simples operário da imprensa, acostumado a fugir cauteloso a tudo que possa deslocar a tranquilidade natural de minha modéstia, mal posso reunir todas as minhas fracas forças em casos tais para aplaudir e levar da melhor maneira possível, o alento às verdadeiras aptidões artísticas ou literárias.

Fora disto, que mais posso eu?

Verdade é que nunca falto com a apresentação

Bustos

Fls. 2

de minhas homenagens aos verdadeiros talentos, do mesmo modo que procuro disfarçar sempre, tanto quanto me é da do fazê-lo por um simples princípio de urbanidade, os meus tédios e os meus desdêns quando me encontro com a mediocridade pretenciosa, capaz de tudo conseguir neste mundo, onde a audácia é um grande elemento de sorte.

Mas, ser de tal arte justiceiro e altruísta, não basta para o caso em questão, meu amigo; e toda via devo dizer-lhe que demasiadamente honrado com a incumbência que me deu, aceito-a de todo o coração, pondo uma imensa dose de boa vontade onde sòmente devia figurar uma considerável dose de competência.

Eu sou um extrenuo admirador das mulheres de talento, principalmente quando este tende pela mais nobre atividade, dar combate às versatilidades da fortuna, concorrendo ao mesmo tempo para aumentar o pecúlio das nossas ainda modestas riquezas artísticas.

A mulher poetisa, a artista, quer ela bu-rile uma magnífica estrofe, ou cinzele o mármore para criar um busto, ou componha um trecho musical ou pinte uma paisagem, desde que em tudo isto sabe por o toque delicadíssimo de sua sentimentalidade, a nota psíquica de sua natureza predestinada, aliando a essa aptidão in telectual a aptidão afetiva e sublime para a divina ar te de ser espôsa e mãe, a mulher em tais condições, di go, só me pode merecer respeito e consideração.

Imagine, portanto, meu caro Redondo, o efeito que devia ter produzido em meu ânimo um artigo que li, há dias, em um jornal desta capital, onde o

Bustos

Fls. 3

autor, que me dizem ser um poeta conhecido, sustenta ser a mulher poetisa um dos piores flagelos do mundo!

Mas, deixemos ao lado esta heresia que de certo não passa de um gracejo... de mau gosto, e vamos ao nosso caso.

Vi e admirei os dois bustos trabalhados pela exma. sra. d. Nicolina Assis, e expostos em uma das "vitrines" da conhecida casa Barcelos, desta capital, bustos esses a que o meu amigo, com o seu belo talento e provado senso artístico se refere em sua generosa carta.

São realmente dois trabalhos indicativos de uma prometedora vocação para esse gênero de arte, em que se celebrizaram Miguel Ângelo, Canóvas e tantos outros bafejados do gênio criador.

As imperfeições a que alude o meu amigo em sua carta, são a meu ver explicáveis e naturais nas produções de um talento que ainda não pode ter estudos escolares completos.

O que é fora de dúvida, é que, tanto o busto de barro, feito em Paris, apenas depois de duas lições do escultor Falgueires, como o outro produzido recentemente em Itatiba, são trabalhos que recomendam a tendência especial dessa distinta sra., e isto é tanto mais apreciável quanto é certo, constituir o caso por si só uma espécie de fenômeno artístico, de magnífico efeito, tão raras são entre nós as vocações feminis para esse esplêndido ramo da atividade humana.

Animar, portanto, a quem procura assim trabalhar e distinguir-se, é dever de todos nós, e com espe

Bustos

Fls. 4

cialidade é o dever do jornalista.

Portanto, meu caro Redondo, acudindo de pronto à gentileza de sua ordem, tenho a honra de apresentar, por estas singelas linhas, à digna e justifeira imprensa desta capital, a exma. sra. d. Nicolina Vaz de Assis, cuja vocação para a esplêndida e difícil arte da escultura deve ser devidamente registrada, aplaudida e animada, para que possamos contar com mais uma glória nacional, i-gual em talento às que já temos na poesia, na pintura e na música.

Termino apresentando os meus sinceros parabéns à distinta "amadora" e mil agradecimentos ao bondoso amigo. (2)

S. Paulo, 1896.

- (2) D. Nicolina de Assis acha-se atualmente em Paris onde muito se tem distinguido na arte que tão brilhantemente cultiva.
Campinas, 1905.

TERRA NATAL

De Raphael Duarte para o "Correio Popular"

Parece incrível, mas é verdade: muita gente ignora quem é a campineira dona Nicolina Vaz de Assis! Uns nem lhe sabem o nome, outros julgam-n'a apenas "amadora" em escultura! . . .

De quem a culpa? Da própria artista cuja revoltante modestia a impelle á penumbra, em uma época em que, para uma pessoa vir á tona, mistér se faz muito reclamo, muita zabumba, muito clarinar.

Mas . . . não lhe vai isso de feição, presa á sua arte, abstrahida em suas concepções, insulada em seus ideaes de perfeição, sempre nos anseios de aprimorar seus trabalhos, acepilhando-lhes os contornos, as attitudes, as facetas.

E venha eu agora affirmar a esses indifferentes ou increus, que Nicolina Vaz de Assis é uma legitima gloria campineira, artista que honra não só o seu berço natal, não só o seu glorioso Estado de São Paulo, mas a todo o Brasil!

Discipula que foi de Rodolpho Bernardelli, na Escola Nacional de Bellas Artes, do Rio de Janeiro, e de Denis Puech, em Paris, como pensionista que fora do governo do Estado de São Paulo, durante os annos de 1904, 1905, 1906 e 1907. Enaltecida por diversas menções honrosas, com medalha de prata, em 1907, e medalha de ouro, na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1906.

Della diz o criterioso escriptor Saul de Navarro que a sua arte se caracteriza pelo dom suave de plasmar a graça e a candura das crianças". E acrescenta: "Vendo os seus delicados trabalhos sinto toda a infinita belleza dessas miniaturas humanas, que são os entes pequeninos, cuja innocencia e alegria florescem e brincam no marmore, pelo toque subtilissimo de suas mãos sensiveis e creadoras".

Mas não foram apenas as nossas exposições nacionaes que viram os

seus bronzes e marmores. Consciente do seu valor quiz sujeitar á critica da velha Europa os seus labores, e eil-a transpondo as raias do Brasil em demanda dos grandes centros de cultura artistica, taes como França, Italia e Portugal, elegendo tambem Turim, que abria solenne exposição, e lá expando as effigies da Republica, de Rio Branco, Affonso Penna e de outros, presidentes do Brasil.

Esses trabalhos figuram noje, em semi-circulo, no vestibulo do palacio do Ministerio da Agricultura, na Capital Federal.

Mas Nicolina Vaz de Assis não se cingiu apenas á esculptura de personalidades; o seu talento masculino e fortemente creador estendeu-se ás diversas concepções de sua Arte.

São um encanto as suas fontes e seus outros trabalhos ornamentaes, derramados pelos parques, pelas alamedas e pelos jardins do Rio e da Paulicéa, alguns delles. Não é tudo. Foi procurar as cidades dos mortos, as moradas sombrias, onde soluçam suas nenias os salgueiros e os cyrestes, e erigiu nellas os seus monumentos funerarios de linhas augurales, revestidos de symbolos e allegorias de conceito christão.

Ella plasmou trabalhos de tamanha concepção artistica, de tão fascinadora inspiração, que nelles se prendem os nossos olhos num elevô indizível! Hajam vista a sua Republica Brasileira, busto em marmore, Cidade de S. Paulo, busto em marmore, Oração, (figura de mulher moça) busto em bronze, Cabeça de moça, busto em gesso original, Santa Therezinha, busto em bronze, Cabeça de creança, simplesmente genial, estudo em marmore, Iracema, figura indigena de menina-moça, em um nu' casto, cheio de encanto, e de belleza pelo seu recato; outro estudo em marmore — Cabeça de creança, de uma expressão fascinadora!

TERRA NATAL

De Raphael Duarte para o "Correio Popular"

(Conclusão)

Estes trabalhos figuram entre cerca de 50 ou 60 outros que a distinta artista campineira expoz em S. Paulo, em uma grande exposição que ali effectuou com um successo pouco commum.

Quero, todavia, comprovar rigorosamente quanto venho de affirmar, relativo aos grandes meritos desta modestissima artista cujos talentos estão em razão directa dessa sua mesma desmarcada e clamorosa modestia.

Visite-se, *in loco*, os sitios em que se encontram muitos desses citados labores de arte.

O Monumento funerario do general Couto de Magalhães, (marmore e bronze) no Cemiterio da Consolação em São Paulo;

O Monumento Funerario do Dr José Grey, (marmore) no Cemiterio de S. João Baptista, no Rio de Janeiro;

Canto das sercias (marmore) Grupo, no Grande lago da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro;

Busto do Dr. Nilo Peanha (bronze) Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro;

Busto de Glaziou (marmore) Quinta da Boa Vista, Rio;

Busto de Prudente de Moraes, presidente da Republica (bronze) no Palacio do Cattete, Rio;

Bustos em bronze dos seguintes presidentes da Republica, pertencentes ao Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio: Marechal Deodoro da Fonseca, Marechal Floriano Peixoto, Dr. Prudente de Moraes, Dr. Campos Salles, Dr. Rodrigues Alves, Dr. Affonso Penna, Dr. Nilo Peanha, Marechal Hermes da Fonseca;

Busto do Dr. Affonso Penna (reprodução (bronze) na Faculdade de Direito de Bello Horizonte;

Busto do Conselheiro Camello Lampreia (bronze) está em Portugal;

Busto do Visconde de Ouro Preto (bronze) em Petropolis;

Busto do actor Gravina (bronze) está na Italia;

Busto do senador Lacerda Franco (bronze) em S. Paulo, pertencente aos seus herdeiros;

Busto do senador Alfredo Ellis (bronze) pertence ao Centro Paulista, Rio;

Republica Brasileira (marmore estatuario com ornamentação em bronze) adquirido pelo Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Rio;

Fonte (bronze) Passeio Publico do Rio, adquirido pela Prefeitura;

Busto do Dr. Pereira Passos (bronze) pertence á Familia;

Busto do Cardeal Arcebispo do

Rio de Janeiro, D. Joaquim Arco-verde, pertencente ao Palacio Episcopal;

A Oração (bronze) pertence ao Governo de São Paulo;

Fonte Decorativa, Praça Julio Mesquita, S. Paulo;

Cidade de S. Paulo (marmore) pertence á Bibliotheca Publica Municipal.

Mas... dir-me-ão, o publico leitor não pôde ter uma comprovação de quanto vem de ser affirmado, por isso que taes trabalhos se acham fóra de Campinas.

...Mercê de Deus, ha em Campinas um trabalho de dona Nicolina, em nossa necropole.

Vão ao Cemiterio Municipal, e busquem alli, atravez de tantos bellos monumentos, o busto do saudoso e benemerito dr. Guilherme da Silva, ao lado esquerdo da Capella funeraria do saudoso Roque de Marca.

Vejam-n'o analysem-n'o, linha por linha, e depois, em consciencia, nos digam, com inteira imparcialidade, si em Campinas outro labor de tão fina arte existe que sobrepuje áquelle.

Não, não existe! Que o digam os que conheceram o distincto e saudoso clinico a quem toda Campinas admirava e bemqueria.

Pois bem! parece incrivel mas é verdade: a terra campineira, o berço natal desta notavel artista, della não possui um trabalho sequer!

As grandes notabilidades brasileiras e algumas estrangeiras foram-lhe bater á sua officina e tributaram-lhe as homenagens merecidas, adquirindo-lhe seus finissimos trabalhos, mas nós os campineiros?!...

Dona Nicolina fez-me a honra e concedeu-me a ventura de admirar seu ultimo labor, ainda em maquette.

Trata-se de um alto relevo representando o nosso genial Carlos Gomes, nos seus derradeiros annos de vida.

O alto relevo, ainda em gesso, selo-ia em bronze, formando uma volta em que pousam os braços. A mão que tantas vezes dedilhou sobre o teclado as notas de suas inspiradissimas operas, mantem-se forte e expressiva. Mede a todo, em conjuncto, de 75 a 80 centimetros de altura, e será sobre um fundo de marmore, onix ou mesmo bronze, segundo o recinto a que se destinar.

Eis quanto me cumpria dizer...

Não quero adduzir uma palavra sequer, a mais, sobre o que ficou dito. E' possivel ainda que o mundo dê suas voltas, e que um novo ideal pare sobranceiro sobre a pobre humanidade, mais hoje ou mais amanhã.

Possivelmente. Esperemos, pois. Confiemos.

D. NICOLINA VAZ DE ASSIS

Com o falecimento, no Rio de Janeiro, da escultora paulista Nicolina Vaz de Assis, enlutou-se o mundo das artes plásticas.

Foi essa campineira ilustre a pioneira das escultoras brasileiras. Artista de renome no seu genero, tanto por invulgares qualidades como pelos numerosos trabalhos que deixou, atestado convincente de seu talento inconfundível, ela pôde colocar-se ao lado dos nossos grandes escultores da época.

Bem jovem ainda, aos treze anos, já sua vocação tomava forma e se definia pela escultura.

Era uma eterna apaixonada da Natureza e do Belo.

Tinha um temperamento exuberante e sensível ao extremo.

Estudou na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro com os mestres Bernardelli, Amoedo e Marciolo Neri.

Obteve medalha de ouro e o prêmio de viagem à Europa pelo Estado de São Paulo, tendo exposto com êxito em vários salões.

A crítica foi sempre unânime em consagra-la como uma notável artista, confirmando o seu valor.

Esteve muitos anos na Europa, onde se aperfeiçoou com os professores Falguierés, Puech, Mercier, Suede e outros, tendo exposto trabalhos nos salões de Paris e Turim onde obteve assinalado êxito artístico.

Sua bagagem artística compõe-se de perto de quinhentos trabalhos.

Entre os que são considerados suas obras primas, figuram os bustos do Barão do Rio Branco (no Ministério da Guerra), Campos Sales, Rodrigues Alves, Prudente de Moraes, estudos de expressão — cabeças — "Meditação", "Tia Bastiana", "Oração", "Concentração", "Iracema", "Pedra encantada", etc.

Seus trabalhos ornamentam jardins do Rio e São Paulo, palácios do Governo e residências particulares; salientam-se os que estão nos jardins e praças de São Paulo e Rio: — "Serpente", "Velho", "Fonte" (na praça Julio de Mesquita), bustos de Nilo Peçanha, do milionário Rockefeller, dos presidentes do Brasil, "Canto das Sereias", "Busto de Glaziou", "Visconde de Ouro Preto", "República Brasileira", "Cardeal Arcoverde", "Cidade de São Paulo" e muitos outros que deixamos de citar.

Em 1929, fez uma grande exposição nos salões do Esplanada, onde obteve verdadeira consagração.

Nicolina Vaz de Assis nasceu em Campinas no ano de 1864 e pertencia à tradicional família campineira, sendo filha do dr. Luiz Gonçalves da Silva Vaz, médico, e de d. Benvida da Silva Vaz, já falecidos. Era viúva do dr. Benigno de Assis, médico e fazendeiro, tendo deixado os seguintes filhos: d. Benvida Assis de Aragão, viúva do sr. Manuel Sabóia de Aragão; d. Dolores Assis Botafogo, casada com o tenente-coronel dr. José Botafogo; d. Laura Assis Jataí, casada com o dr. Carlos Jataí; d. Maria Assis Matos, casada com o sr. Anibal Matos; d. Maria Assis Ricciardi, casada com o sr. Sebastião Ricciardi; d. Guilomar Assis Rodrigues, casada com o sr. Carlos Rodrigues; d. Vera de Assis Koker, viúva do sr. Oscar Koher, e o sr. Rubens de Assis, viúvo de d. Olga de Assis.

Deixa quarenta netos e bisnetos entre os quais o capitão aviador Roberto Assis Jataí, o sr. Ricardo Assis de Aragão, agricultor, assim como irmãs ainda vivas, d. Eulália Pereira de Sousa, viúva do dr. Aureliano Pereira de Sousa, e d. Benvida Vaz Bento Alves, casada com o dr. Luiz Bento Alves.

O escritor pátrio Saul de Navarro escreveu a seu respeito:

"A arte da escultora Nicolina Vaz de Assis caracteriza-se pelo dom suave de plasmar a graça e a candura das crianças. Vendo os seus delicados trabalhos, sinto toda a infinita beleza dessas miniaturas humanas, que são os entes pequeninos, cuja inocência e alegria florescem e brincam no marmore, pelo toque sutilíssimo e de suas mãos sensíveis e criadoras.

Discípula de Rodolpho Bernardelli fez da arte magna da escultura um poema de ternura feminina. O amor e a beleza aguçam a Forma são-lhe um motivo estético e sentimental.

Nascida em Campinas, terra das andorinhas, estas como se transformaram em suas mãos fecundas, na inquietação alada de buscar o misterio das almas esquivas e de grava-las na argilla efêmera, ou no marmore impercível.

Conheço varios bustos e outras composições suas, em que o vigor, a expressão e a tecnica se combinam e triunfam: as efígies da Republica, de Rio Branco, Afonso Pena e de outros ex-presidentes da Nação, que figuraram na Exposição de Turim e hoje se acham, num coloquio mudo, em semi-circulo, no vestibulo do palacio do Ministerio da Agricultura. Apreço as suas fontes e outros motivos ornamentais, que se encontram nos parques, alamedas e jardins do Rio e da Paulicéa VI e admirei alguns sarcófagos, onde a sua escultura, como arte mais adequada, por eterna e silenciosa, operou sobre a morte uma serie augural de simbolos e alegorias.

Mas nenhuma dessas obras, embora bem executadas e, algumas, de concepção feliz, me fez esquecer as suas meigas e sugestivas cabeças de criança, que são risinhas e vicejantes incarnações do mais belo e do mais insondavel misterio — a Vida.

D. Nicolina tem doçuras, singularidades e lances imprevisos, quando retrata, idealiza ou adivinha essas pequenas vidas em flor, nimbando-as de luz e extrema espi-ritualidade, ao fixa-las com o seu dom estético e a sua faculdade intuitiva de mulher, porque nessas criações tão mansas quanto seraficas, a arte passa a ser, por uma prodigiosa e profunda correlação da natureza com a alma feminina, uma nova e sutil manifestação do instinto cosmico da maternidade...

Anjos e crianças, em seu encanto humano e em seu divino enlavo, aves sagradas e passaros profanos, nuncios do Céu e frutos da Terra, surgem dessas mãos predestinadas, á maneira de ritmos siderais que se corporificassem, na glorificação suprema do sexo, porque é a mulher que se torna mãe pelo espirito, mãe em beleza, mãe, radiosa e bem-aventurada, de simbolos eternos.

A escultura, na sua arte serena e harmoniosa, é a graça esculturada, o sonho que se solidifica e se harmoniza, a caricia que trabalha a pedra e lhe abre o sulco auroral da luz insonte dos sorrisos infantis.

Arte de mulher, que se converte em beleza e afago; arte de mãe, que se transfigura em bondade e angelitude.

Quando penetro no "estudio" da artista, povoado de sombras e visões, e me dirijo ao recanto onde fazem roda as suas crianças perpetuadas, tenho a doce illusão de me ver em meio de uma tarandula de garrulas criaturinhas, ouvindo-lhes, deliciado, o alvorco dos jogos pueris e dos risos sonoros, tal se me fôra dado assistir a uma festa de Castidade.

E' que os marmores, animados, saltam, riem e me envolvem, no grande e suave milagre de vidas que brincam, de simbolos que vivem, dansam e cantam...

NICOLINA VAZ DE ASSIS

Conta Barros Vidal, no seu livro intitulado "Precursoras brasileiras" que iniciando suas pesquisas para saber qual tinha sido a primeira escultora brasileira, logo encontrou dois nomes — Julieta Franca e Nicolina Vaz de Assis. Aprofundando as pesquisas concluiu que Nicolina fôra em nosso país, a primeira mulher que, como artista, esculpira.

Através do capítulo de Barros Vidal vamos sabendo que já em 1897, Nicolina (filha de um médico: Luis Gonzaga Vaz) ganhava uma subvenção do governo de São Paulo para vir ao Rio estudar na Escola Nacional de Belas Artes.

Nossa primeira escultora nasceu em Campinas e desde os treze anos revelou sua vocação para a escultura realizando, com barro duro, uma cabeça de moça com um boné de jóquei. Aí começa sua carreira artística. Quando aluna da nossa Escola de Belas Artes, Nicolina impressionou os mestres Rodolfo e Henrique Berardinelli, assim como Amoedo, com quem aprendeu desenho, pela sua inclinação artística. Fez um curso brilhante e, ainda em 1897, ganhou uma pensão para aperfeiçoar, no estrangeiro, seus conhecimentos. Surgiram dúvidas. As dúvidas geraram debates. A pensão — diziam — era para homens e não para mulheres. A questão repercutiu no Congresso. E este decidiu a favor de Nicolina Vaz.

Aos dezessete anos nossa primeira escultora casou com o médico Benigno de Assis; em 1901 conquistou a medalha de honra do "Salão" mas não foi buscá-la, porque uma das características de Nicolina de Assis era seu "temperamento esquisito, desinteressada, seu despreendimento causava estranheza". Foi uma mulher bela e inteiramente sem vaidade e, no entanto, na mocidade era "uma das mulheres mais bonita que o Rio conheceu".

Depois a Europa, novos prêmios, várias exposições e a morte do marido. Em 1911 Nicolina casava em segundas nupcias com o escultor Pinto do Couto. "Mas no segundo casamento não encontrou a felicidade do primeiro."

Nicolina realizou vários trabalhos entre os quais "aquela espectacular serpente que se vê na Quinta da Boa Vista é de sua autoria, assim como aquele majestoso velho — primorosa arquitetura — que se admira no Passeio Público", diz Barros Vidal.

Nicolina Vaz de Assis morreu em 20 de outubro de 1941, na rua Berengo, na Piedade, em silêncio e na obscuridade.

(Transcrito do "Diário de Notícias do Rio, de domingo último).

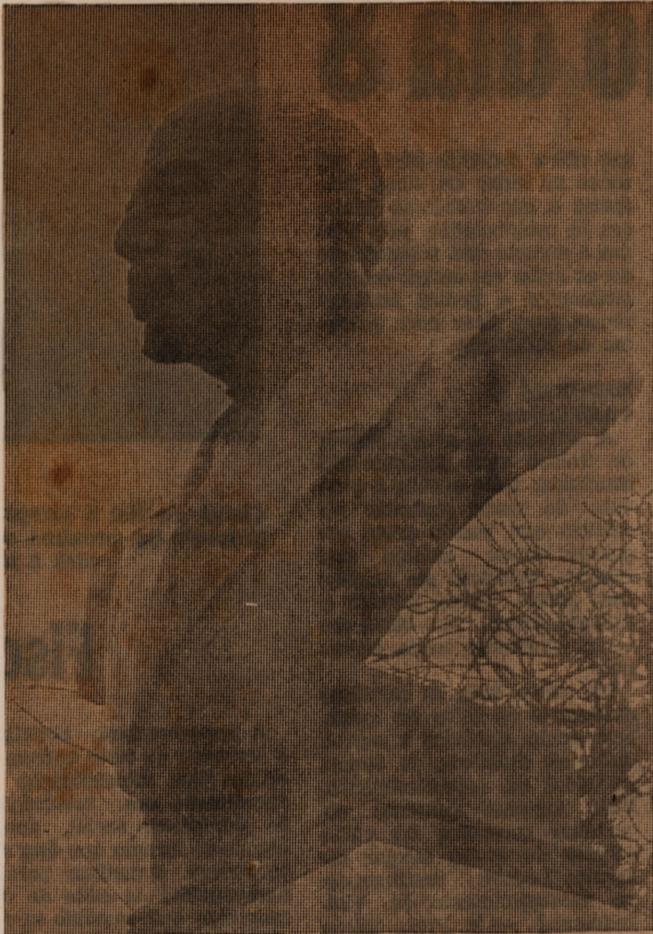
ARQUIVO

Celso Maria de Mello Pupe
Campinas - SP

Diário do Povo - 19 - IV - 1953

Terra da Arte

.. José de Castro Mendes



Busto do dr. Guilherme da Silva, primoroso trabalho em bronze existente no Cemitério da Saudade.



"A Pátria", escultura de Nicolina de Assis feita em mármore no mais puro estilo clássico. Destinada ao pedestal do monumento ao general Couto de Magalhães, esta magnífica obra da escultura campineira foi exposta no Salão de Paris em 1905, merecendo as melhores referências da crítica especializada.

Campinas, cidade de gloriosas tradições, berço de homens ilustres que se destacaram de maneira invulgar nos mais diversos ramos de atividade, ostenta com justificadíssimo orgulho o nobre título de Terra da Arte!

E' que seus filhos, irmanados com elementos vindos de outras plagas dedicaram também com interesse às iniciativas de ensino cultural, notadamente às Belas Artes, o que lhe deu essa notarie-

dade consagradora. Carlos Gomes, o genial compositor impar no campo da música lírica sul-americana, encabeça a numerosa lista dos artistas que daqui partiram recebendo o aplauso e o apreço internacional.

Pianistas, pintores, teatrólogos violinistas, escultores e cantores, integram o rol das notabilidades campineiras, embora seus nomes não desfrutem a popularidade alcan-

çada pelo autor do Guarani, Fosca, Salvador Rosa e outras obras igualmente aclamadas.

Todos eles porém, merecem o nosso culto, entusiasmo e admiração, pelo muito que fizeram, contribuindo sobremaneira para maior engrandecimento da terra natal, e justificativa daquele honroso galardão.

Para a crônica de hoje, destacamos a escultora Nicolina de Assis, artista muitas vezes premiada em salões e mostras diversas, competindo com nomes já consagrados nos grandes centros mundiais.

Nascida nesta cidade em 1.874, jovem ainda, foi para o Rio de Janeiro, onde estudou com o notável Berna, de-

li, o autor do monumento a Carlos Gomes, mestre da escultura na escola clássica.

Revelando grande talento, Nicola de Assis mereceu do governo paulista um pensão para estudos de aperfeiçoamento na Europa onde permaneceu vários anos.

Expondo em salões europeus e nacionais, conquistou vários e importantes prêmios, firmando-se como uma escultora de grande classe e personalidade. Grande número de trabalhos seus encontra-se em São Paulo e no Rio de Janeiro, bustos de presidentes da república, monumentos e alegorias decorativas talladas no mármore. De sua lavra nesse gênero, destacam-se o "Canto das Sereias", existente na Quinta da Boa Vista, e a bellissima fonte que se admira na praça Júlio Mesquita na Capital Paulista.

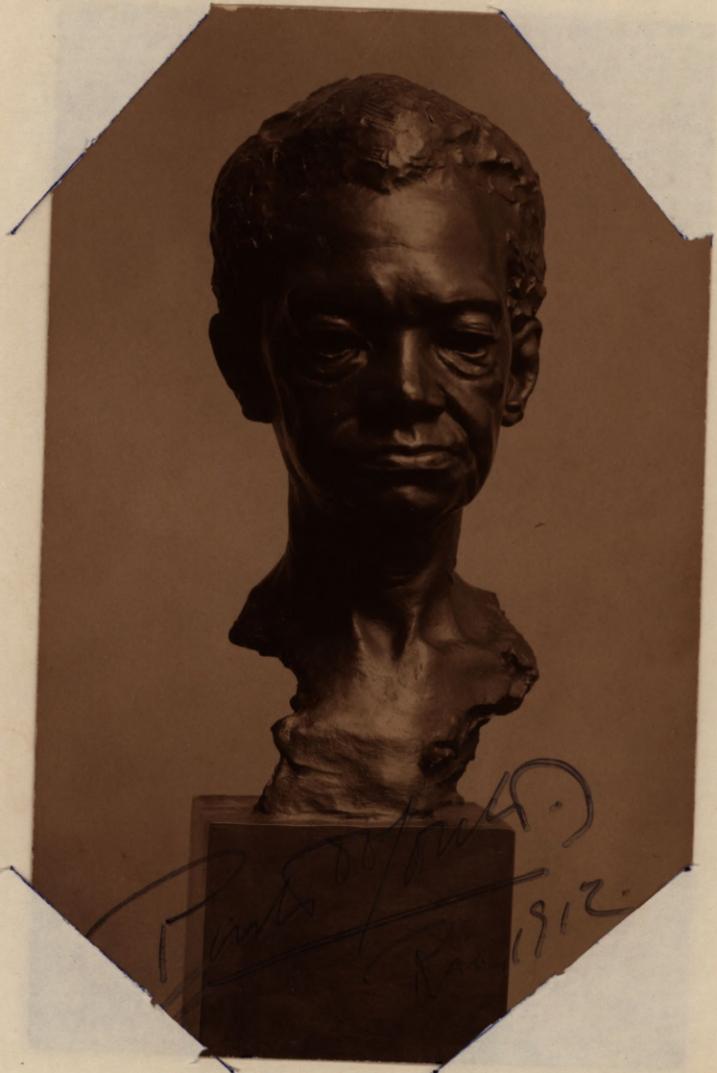
No Cemitério da Saudade, encontra-se um dos seus primorosos trabalhos em bronze o busto do Dr. Guilherme da Silva, obra de arte que se valoriza pelo vigor e segurança da modelagem.

Em 1.941, falecia a notável artista conterrânea, deixando o seu nome aureolado de prestígio como uma das mais belas afirmações da arte da escultura no país.

Campinas homenageou-a dando seu nome a uma rua da cidade.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



~~sentido da tela de~~
Elaiza Viçente
no Museu Nacional
de Belas Artes

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



"ORAÇÃO"

Nicolina V. Pinto

vãe ser off a S. Lou

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



PINTOR JORGE JOSÉ PINTO VEDRAS

Pintou em São Paulo o teatro para a visita de Dom Pedro II e da Imperatriz, em 1846.

"Em uma das salas do antigo palácio do governo foi, em virtude do artigo 29 da Lei nº 35 de 16 de março de 1846, o Governo Provincial autorizado a estabelecer uma aula de pintura e desenho e a contratar professor, e provê-la do necessário regulamento. O professor Jorge José Pinto Vedras foi contratado e pelo artigo 11 da Lei nº 27, de 23 de abril de 1849, foi autorizado o governo renovar o contrato por mais cinco anos, não sendo organizado o regulamento da referida aula até o ano de 1849.

Nessa aula, que também funcionou em uma das salas da Faculdade de Direito e foi extinta em 1865, executaram-se as seguintes obras: 6 painéis representando a paixão de N. S. Jesus Cristo que existiam no corpo da Igreja do Colégio; 7 ditos que existem no corpo da Igreja do Recolhimento de Santa Teresa, representando a vida da Santa; 4 ditos dos Santos Evangelistas, colocados na sua capela mor; 6 quadros de N. S. do Carmo, também aí existentes e o Santíssimo Coração de Jesus, colocado junto a um dos altares; o quadro que adorna o altar do antigo Hospital de Misericórdia, representando N. S. do Socorro; 1 quadro de grandes dimensões, reproduzindo a Assunção de N. S. e Santos Doutores da Igreja oferecido pelo presidente da Província conselheiro Dr. Josino do Nascimento Silva ao Convento de N. S. da Luz; os quatro painéis de 4 Evangelistas que vestem paredes da capela mor do mesmo convento; o painel representando as almas diante de S. Miguel e pintado para a matriz de Campinas e um outro contendo uma visão de Santa Teresa, que, em 1852, algumas recolhidas, quando se retiraram do respectivo convento, conduziram o mesmo painel para ~~o~~ um outro convento estabelecido pelas duas freiras e irmãs Duarte, à travessa da Sé, esquina da rua do Carmo, onde hoje está, em novo prédio, funcionando a Policlínica".

Informa Alceu: trabalhou no Rio e São Paulo; foi pintor, litógrafo e professor.



Nº 196 - SANTA TERESA DE JESUS, OU DE ÁVILA;

Dimensões: altura 1,63; largura 1,34; profundidade 0,02.

Material: tela sobre armação, sem moldura.

Exterior: pintura a óleo, cores do natural figurando Santa Teresa prostrada, de joelhos, ladeada por dois grandes anjos voantes, tendo um deles, nas mãos, uma seta de ponta flamejante e em posição de ferí-la.

Época: 1850.

Procedência: primitivo convento de Santa Teresa de São Paulo.

Origem: pintura de Jorge José Pinto Vedras.

Ofertante: Dom Paulo de Tarso Campos.

Observações do Museu: o Professor Vedras, português, teve sua escola extinta em 1865, em São Paulo. De exame feito em 10/11/1965, ^{por Aldo Cardarelli} constatou que as telas são nacionais e de algodão.



Nº 197 - SANTA TERESA DE JESUS.

Dimensões: altura 1,63; largura 1,34; profundidade 0,02.

Material: como o 196.

Exterior: óleo sobre tela, cores do natural figurando Santa Teresa entre nuvens, de braços abertos como glorificando a Deus, cercada de anjinhos; em chefe o triângulo.

Época: como o 196.

Procedência: como o 196.

Origem: como o 196.

Ofertante: como o 196.

Observações do Museu: como o 196.



Nº 199 - SANTA TERESA DE JESUS.

Dimensões: alt. 1,34; larg. 1,63.

Material: como o 196.

Exterior: óleo sobre tela, cores do natural figurando Santa Teresa ajoelhada, falando-lhe Jesus coroado de espinhos, com a cruz às costas e cercado de anjinhos.

Época: como o 196.

Procedência: como o 196.

Origem: como o 196.

Ofertante: como o 196.

Observações do Museu: como no 196. Deste quadro, procurando sua relação com as visões da Santa, encontra-se em "Obras de Santa Teresa" do Padre Silvério, a fls. 165, estas expressões: "um dia do glorioso São Pedro", "Parecia estava junto tocando-me Cristo e era ele que me falava.

WILLIAM ZADIG.

Noticiou a "Folha de São Paulo" de 22/9/1987:
"Monumento de Olavo Bilac da Avenida Paulista (6 metros de altura por 8 de largura) retirado - parte está nos depósitos da Prefeitura chamado o "desterro das estátuas". Como Tiradentes, Olavo Bilac foi esquartejado"; UMA das partes da obra, "o Beijo eterno" está no Largo de São Francisco, levado pelos estudantes. A estátua de Fernão Dias Pais, outro fragmento da obra de Zadig está no Colégio que leva o seu nome em Pinheiros".

E S C U L T O R W I L I A M Z A D I G , g r e g o .



Nº 543- Dom João Batista Correia Neri, bispo do Espírito Santo.
Dimensões: oval, alt. 0,31; larg. 0,22.
Material: bronze.
Exterior: natural.
Época: primeiros anos do século vinte.
Procedência: Residência episcopal.
Origem: obra do escultor William Zadig, grego, fixado na cidade de São Paulo, onde se casou com Maria da Glória Capote Valente, filha do advogado notável do mesmo nome.
Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.
Observações do Museu:



Nº 573 -CRISTO COROADO DE ESPINHOS.

Dimensões: altura 0,26, largura 0,24.

Material: ferro fundido.

Exterior: natural.

Época: Segunda metade do século dezenove.

Procedência:

Origem: atribuível à Fundição Bierenbach.

Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.

Observações do Museu:

S E M A U T O R I A

Nº 8 - ESCULTURA DE CABEÇA.

Dimensões: altura 0,53; largura 0,23; profundidade 0,32.

Material: gesso.

Exterior: cabeça de Dom João Batista Correia Néri, 1º bispo de Campinas.

Época: 1935.

Procedência:

Origem:

Ofertante:

Observações do Museu: do monumento inaugurado a 12/10/1935, nos jardins do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, do qual Dom Néri foi o fundador.



Nº 285 - CONVENTO DE SÃO FRANCISCO, em São Sebastião SP.

Dimensões, sem a moldura: alt. 0,26; larg. 0,35.

Material- óleo em cartolina, com moldura.

Exterior: cores do natural.

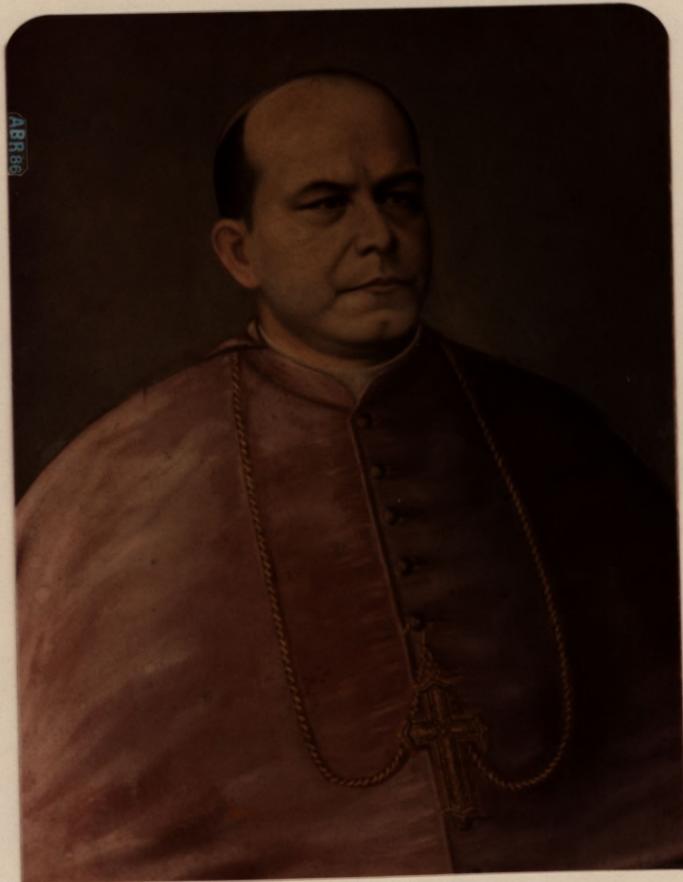
Época: século XX.

Procedência: do ofertante.

Origem: obra da pintora Doralice

Ofertante: Dom Paulo de Tarso Campos.

Observações do Museu:



Nº 443 - DOM JOÃO BATISTA CORREIA NERI

Dimensões da tela: alt. 0,76; larg. 0,61.

Material: óleo em tela.

Exterior: cores, sem moldura.

Época:

Procedência:

Origem: não assinada.

Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.

Observações do Museu:



Nº 526 - BISPO

Dimensões: alt. 0,60; larg. 0,44.

Material: craiom sobre papel.

Exterior: carnação e cores.

Época:

Procedência: assinado por Ursolina.

Origem: assinado por Ursolina.

Ofertante:

Observação do Museu-



Nº 537 - BRASÃO DO CONDE DOM JOÃO BATISTA CORREIA NERI, 1º Bispo de Campinas.

Dimensões da Tela: alt. 0,60; larg. 0,50.

Material: óleo sobre tela, com moldura.

Exterior: cores próprias da heráldica.

Época: 1945.

Procedência:

Origem: sem assinatura.

Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.

Observações do Museu:



Nº 538 - BRASÃO DO CONDE DOM FRANCISCO DE CAMPOS BARRETO, 2º Bispo de Campinas.

Dimensões: alt. 0,60; larg. 0,50.

Material; óleo sobre tela, com moldura,

Exterior: cores próprias da heráldica.

Época; 1945.

Procedência:

Origem: sem assinatura.

Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.

Observações do Museu:



Nº 539 - BRASÃO DE DOM PAULO DE TARSO CAMPOS, 3º Bispo de Campinas.

Dimensões da tela: alt. 0,60; lar. 0,50.

Material: óleo sobre tela, com moldura.

Exterior: cores próprias da heráldica.

Época: 1945.

Procedência:

Origem: sem assinatura.

Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.

Observações do Museu:



Nº 540 - BRASÃO DE DOM PAULO DE TARSO CAMPOS, 3º Bispo de Campinas.

Dimensões: alt. no friso moldura sem os adornos dos cantos, 0,60; larg. 0,50.

Material: madeira entalhada.

Exterior: verniz.

Época: 1945.

Procedência:

Origem:

Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.

Observações do Museu:



Nº 542 - DOM PAULO DE TARSO CAMPOS, Bispo de Santos, 3º Bispo de
Campinas e 1º Arcebispo de Campinas.

Dimensões da tela: alt. 0,53; larg. 0,45.

Material: óleo sobre tela, com moldura.

Exterior: cores do natural.

Época: 1936.

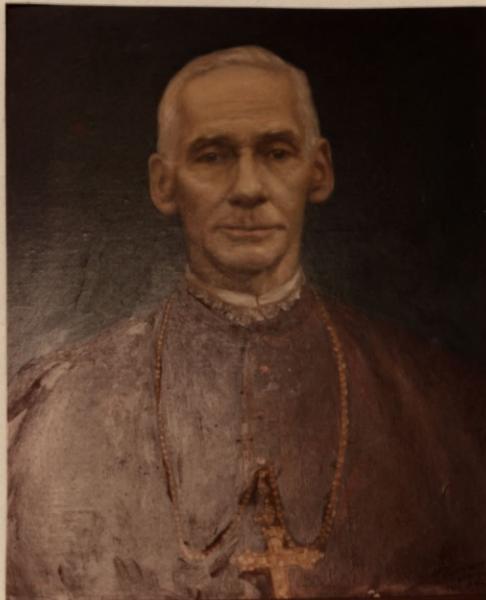
Procedência:

Origem: sem assinatura.

Ofertante: Grã Metropolitana de Campinas.

Observação do Museu:

alt. 0,53
larg. 0,45



Nº 447 - DOM JOAQUIM JOSÉ VIEIRA, Bispo de Fortaleza e Arcebispo
Titular de Cirro.

Dimensões da tela: alt. 0,60; larg. 0, 48.

Material: óleo sobre tela com moldura.

Exterior: cores do natural.

Época: 1883?

Procedência:

Origem: sem assinatura.

Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.

Observações do Museu:



Nº 448 - CONDE DOM FRANCISCO DE CAMPOS BARRETO, 2º Bispo de Campinas.

Dimensões: alt. 0,70; larg. 0,53.

Material: óleo sobre tela com moldura.

Exterior: cores do natural.

Época: 1912.

Procedência:

Origem: sem assinatura.

Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.

Observações do Museu:

Ules

Parreiras, Antônio

exposições - Cidade 24-I-1924

Theodoro Braga, 183 - com citações de muitas
fontes de informações

Jim Ullery
51-94-91

Óleo e Ceraçom (O "Sampainho")
de Campinas

crayon
~~óleo~~
Retrato, António Carlos de Sampaio
retrato de Estaliba Florence (Gazeta 1-XII-1887)
idem José Sidiú de Sousa Branco (Gazeta 2-II-1886)
idem F. Glicéris (Gazeta 31-V-1885)
retrato de Roque de Marcos (Gazeta 5-V-1886)

Óleo - que foi António Carlos de Sampaio Peixoto e que pintou
uma grande tela como retrato, de corpo inteiro, de sua
própria mãe, D. Maria do Carmo de Silva Sampaio (tr.
la operada pelo autor deste livro ao Centro de Ciências)
"deixou inúmeros trabalhos dos quais poucos restam
em mãos de descendentes; pintou em Bragança e
teve seu atelier em São Paulo, na rua Barão de Sta.
petrininga, pelos anos de 1896" Bercço 205.

crayon - retrato de F. de Paula Marques (Gazeta 17-X-1885)
auto retrato (Gazeta 21-X-1886)

UM ATELIER

(SAMPAIO PEIXOTO)

Estive um dia deste no "atelier" de desenho e pintura do sr. Antonio Carlos de Sampaio Peixoto.

Certamente os leitores conhecem o nome do artista, e conhecem a sua oficina de trabalho.

É brasileiro; nasceu em Campinas, a terra clássica dos artistas, o bérço glorioso de Carlos Gomes.

Sampaio Peixoto tem o seu "atelier" nesta capital, há coisa de uns seis meses, depois de tê-lo por muito tempo em Campinas e em Bragança onde trabalhou consideravelmente, firmando um nome e uma reputação de professor abalizado em sua arte.

Os que não o conhecem pessoalmente devem ter lido notícias a seu respeito, e os seus anúncios, publicados em diversas folhas e em jornais diversos.

Sampaio Peixoto é, como quase todos os artistas brasileiros de verdadeiro mérito - modesto, pouco amigo de "reclames", metido consigo, inimigo do charlatanismo. Tem talento e sabe o que faz.

O seu lápis de desenhista opera verdadeiros prodígios e tem arrancado à imprensa imparcial e aos competentes na arte de desenho e pintura, sinceros e ardentes encomios e aplausos.

Comove e interessa vê-lo nos labores da sua bela profissão, fronte emoldurada por cabelos brancos como neve, olhar vivo e penetrante, fazendo de sua arte um

sacerdócio, e procurando esquecer no amor que a ela vota passados revezes, quem sabe? da caprichosa fortuna...

Há dias, quando visitei o seu gabinete de trabalho e examinei o variado e elegante conjunto de suas produções, à rua Barão de Itapetininga, 55, tive a mais agradável impressão.

É um artista, em toda a extensão e valor do termo. Os seus quadros, os seus trabalhos de diversos generos, todas as suas produções ali expostas, atraem desde logo os olhares do observador pela extrema perfeição, pela nímia delicadeza artística com que foram traçadas.

Não sei se o público desta capital tem suficientemente visitado esse belo "atelier"; se não tem, lamentavelmente o fato. Há aí o que ver e admirar, principalmente retratos a "crayon", aquarela sobre papel chinês, o que pode haver de mais distinto no gênero, fotominiaturas, (fotografias sobre vidro, coloridas, à óleo) e outros trabalhos que merecem a atenção e as simpatias do público.

Os retratos a "crayon" do famoso poeta francês Vitor Hugo, e de Francisco Glicério, o de uma menina morta, e outros, causam profunda impressão ao visitante, pela semelhança que apresentam com os originais. Os três quadros, "Infância", "Mocidade" e "Velhice", são de uma naturalidade e correção admiráveis.

O "atelier" já foi honrado com a visita do presidente do Estado, e por outros cavalheiros distintos e apreciadores da arte em que Sampaio Peixoto é mestre; mestre sim, formado em primeiro lugar pela sua própria

vocação, em segundo pela educação, esmeradíssima que recebeu no período de sua juventude, e em terceiro pelo mais sério e consciencioso estudo de sua arte e das produções dos mais notáveis especialistas.

Além de tudo é um perfeito cavalheiro de variada instrução e trato ameníssimo.

O seu pequeno e modesto "atelier" é uma espécie de templo da arte onde se respira um ar vivificante e bom de inspiração e de saúde de alma. O velho sacerdote do trabalho e da perseverança dá aí o exemplo de quanto pode a força de vontade aliada ao talento e à vocação natural. Trabalha e confia no futuro, esperando tudo da prodigiosa atividade de seu espírito de verdadeiro artista.

Deixa-se levar tranquilamente pelo olhar sereno do anjo bom dos que trabalham, aos mundos luminosos do ideal que torna a vida uma encantadora delícia.

Trabalha porque precisa trabalhar; foi rico e hoje luta com o destino que se lhe mostra adverso. É porém um filósofo este inspirado artista, sabendo também opor com incrível tenacidade a força de sua alma privilegiada contra a força brutal de uma desventura inexplicável.

Consegue assim vencer neste titânico combate pela vida, e vence sorrindo e satisfeito como quem cumpre um dever sagrado, conquistando louros para si e dando à mocidade do seu tempo uma bela e proveitosa lição.

Numa época em que os assuntos políticos absorvem todas as atenções e se apossam de todos os pensa-

dores, bem sei que é uma irreverência tratar de artes e recomendar um artista.

Mas que importa isso?

Entre cem indiferentes e outros tantos pessimistas, que os há, infelizmente, quando se trata de animar artistas nacionais, pelo menos às vezes se encontra um espírito piedoso disposto a não ser nem muito pessimista e nem muito indiferente.

É para estes que escrevo o que aí fica.

S. Paulo - 1896.



Escultura

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Pereira, Henriqueta Pupo Ferraz ^{em Campinas}

obra em Academia
e um irmão Penteados
no jardim deste hospital

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Óleo de MARIA B. DE CARLOS PEREIRA



Paisagem de São Bento de Sapucaí

Tela da Exposição de Campinas em 1985

Coletânea Maria Leonor de Mello Pupo.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



Na exposição, obras do início "acadêmico" até as mais recentes (foto)

Retrospectiva homenageia Thomas Perina

Retrospectiva Didática.

Com este nome, a Aliança Francesa homenageia, de hoje até 15 de junho, o pintor contemporâneo Thomaz Perina. Homenagem dupla, segundo o diretor da Aliança, Roger Thevenot: uma pelo seu aniversário de 70 anos e outra pela sua arte "nobre e desinteressada (comercialmente)." São mais de 20 quadros, que mostram a trajetória de 50 anos de pintura de Thomaz Perina: desde o início "acadêmico" até a descoberta da arte contemporânea e a

solidificação de seu trabalho, com telas dos últimos anos.

Thomaz Perina começou sua carreira ainda na década de 40, - "sem contar as peripécias de infância" - acumulando nesses anos vários prêmios. No final da década de 50, juntamente com outros artistas campineiros que mais tarde formariam o Grupo Vanguarda, causou espanto no público que freqüentava o saguão do demolido Teatro Municipal, com telas que privilegiavam a "arte moderna".

Mas todo esse furor inovador não foi o bastante para que os trabalhos fossem reconhecidos: "Eu nunca vendi um quadro contemporâneo em Campinas. Se uma ou outra pessoa tem, é porque eu presenteiei", afirma Perina, que nem por isso se ressentiu: "Eu pinto porque necessito. Tenho uma linha subjetiva; meus quadros não são "bonitos". Modéstia à parte, ele queria dizer que não faz arte "comercial" procurando enfeitar as telas para torná-las comercializáveis. "Eu pintava

o real (acadêmico), depois eu concebi que tinha o direito de pintar o que estava dentro de mim. Cansei de ser escravo do motivo." Perina considera seus quadros de poucos elementos, um foco sobre a desolação.

Apesar de nunca ter vendido uma tela contemporânea, Perina não tem queixas e mantém a postura: "Não quero colocar uma receita de arte. Tenho que dar o direito ao público de gostar ou não." Para ele, a "rejeição" a esse tipo de arte

acontece em todo lugar e apreciá-la exige mais informação. Resultado disso tudo: para sobreviver, Perina foi decorador de ambientes, cenógrafo e figurinista. Agora é aposentado e passa seus dias entre a pintura e encontros com amigos também pintores.

A mesma postura democrática Perina mantém com relação à polêmica da ornamentação do Centro de Convivência: "Mantive e vou manter meu silêncio. Todos têm direito de opinar e as opiniões não são unânimes." Mesmo não sendo o

objetivo da exposição, se alguém se interessar por aqueles "círculos, riscos e quadrados", geralmente em dois tons apenas de óleo sobre tela, pode conversar com o autor e adquiri-los. Mas nem todos, porque alguns são de coleção particulares - principalmente os de começo de carreira -, emprestados para a Retrospectiva. A Galeria de Arte da Aliança Francesa fica na rua José Theodoro de Lima, 66, aberta de segunda a sexta das 8 ao meio-dia e das 13h30 às 21; aos sábados das 9 ao meio-dia.

for a grande e felicidade pela chegada dos seus nats.

Tudo de Lucas Tintori

esteve a cargo da Cantor Carlos Gomes e Coral F respectivamente regido Dalton Nunes e pe. Jos va. O setor musical foi

ção que será um aconteci-
mento no mundo imobiliá-
rio da cidade. Em Manaus,
Nenê Zini ampliou o impé-
rio da sua Belo Som, com

e 12 de maio, o lar
e sra. Olinto Mário
Isabel) Tintori em
pela chegada do seu

row. A ex-presidente, sra.
Dido Jorge Camargo seti
homenageada durante o en-
côrio, que está sendo coor-
denado pelas sras. Marlin

Des-
do sr.
(Maria
festas,

Zenaher, Eclia Marins, Ne-
lia Muniz, Regina Checchia,
Maria Benvenida Coppo e
Maria Elza Boschetti. De-
mais informações pelo fone
52-2171.

Majestuosidade do "L Hi-
rondelle"

Se você há algum tempo
não passa pela rua 11 de
Agosto quase esquina com
Benjamin Constant, não
deixe de apreciar a beleza
e santuosidade do Edifício
L'Hirondelle, que a Cons-
trabel está construindo sob
o dinâmico comando de Ne-
nê Zini. Sem favor algum,

aquisição de novos equipa-
mentos, aumentando o raio
de ação da empresa.

*Casamento de Mônica e
José Roberto*

Na última sexta-feira, a
Igreja de Santa Rita de Cás-
sia esteve literalmente to-
mada por elegante grupo de
convivas, arrematado
pelo sr. e sra. Múmfred Fritz
(Maria Aparecida Cisotto)
Haible e sr. e sra. Rodolpho
(Carmen Cintra do Prado
de Burgos) Rohr, para o ca-
samento dos seus filhos, sr-
ta. Mônica Cisotto Haible e
sr. José Roberto Burgos
Rohr. A Igreja estava imat-

piosamente magnífica e agra-
do, pela seleção e interpre-
tação das músicas seleciona-
das para o feliz aconteci-
mento. Os noivos recebe-
ram cumprimentos na igre-
ja, e a seguir partiram para
o norte, para uma circunada
pelas capitais nordestinas.
Em ampla reportagem foca-
lizei o acontecimento.

*Badas de Ouro Laudados
Girard Jacob*

Sexta-feira, às 18h30, a
Catedral Metropolitana es-
teve literalmente tomada
pelos amigos do comenda-
dor e a sra. Arlindo (Olga
Laudados) Girard Jacob.

A. P. Tann - 1894

A. Tann.
1894

(Um Século de Pintura - nada)
(de quadros da Fazenda do Pi-
nhal do Conde do Pinhal)

A GALERIA CORETO CONVIDA PARA A EXPOSIÇÃO

ORESTES PEZZOTTI

SUA ARTE SEMPRE PRESENTE

Aos 16 de Abril de 1903 nasce na Itália (Scalea - Calabria) o Pintor ORESTES PEZZOTTI.

Já homem feito veio ao Brasil e fixou-se em Campinas.

Foi pintor de paisagens, naturezas mortas e retratista. Enamorado do Brasil, sempre servo de sua vocação palmilhou o interior deste país registrando cidades típicas, em beles e emocionantes flagrantes de sombra e luz, por isso foram inúmeros os prêmios, as medalhas e as laureas que recebeu.

Aos 16 de Abril de 1966 quando completaria 63 anos faleceu em Campinas, terra que tanto amou e que por isso o recebe afetuosamente como filho.

ABERTURA - 18 de Novembro de 1991, às 20,00 Horas

EXPOSIÇÃO - de 19 à 30 de Novembro

HORÁRIO - das 14,00 às 17,00 Horas

GALERIA CORETO
RUA JOSÉ DE ALENCAR, 701
CENTRO - CAMPINAS

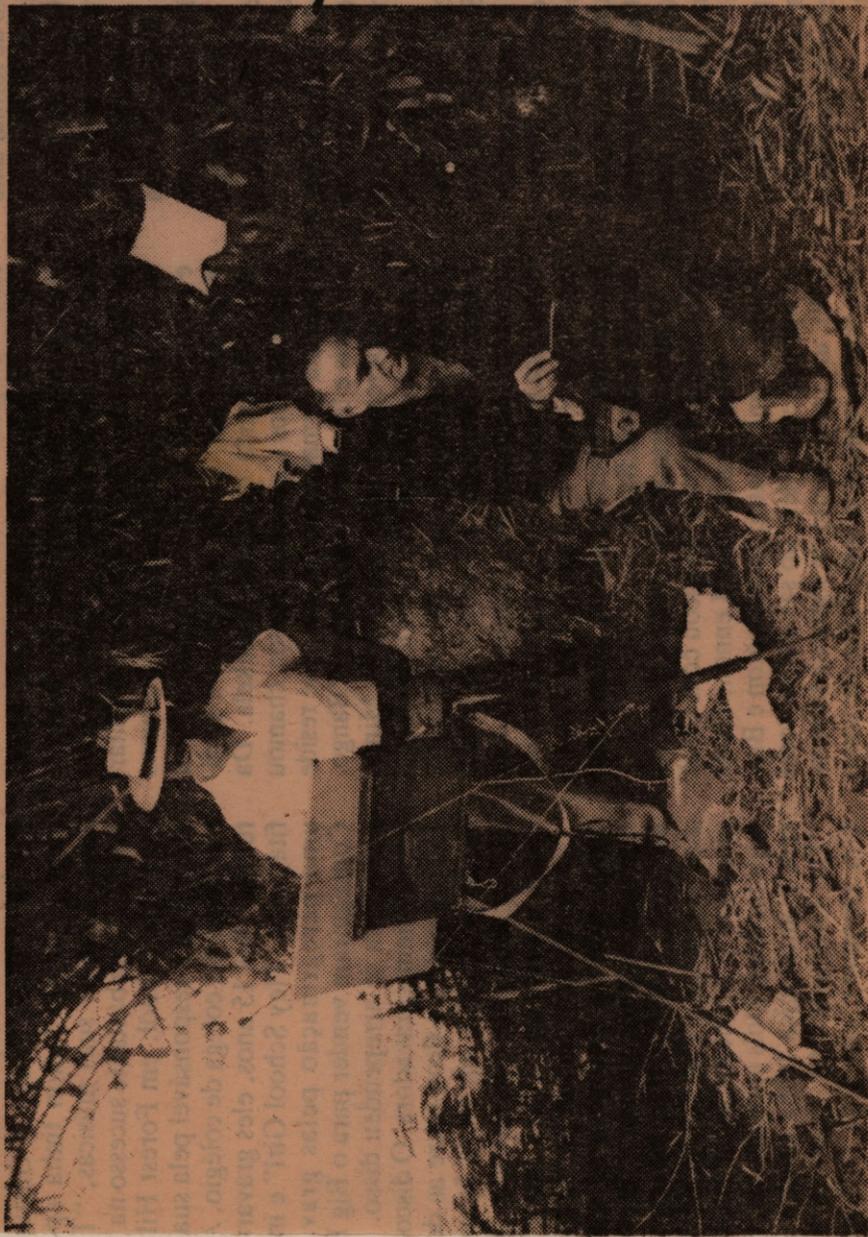
ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP

O que eu estava dizendo era atra-
vés da boca do personagem. Ago-
ra, se eu me preocupasse com as

gumas coisas.

Como começou o romance entre
você e a Leticia Sabatella?

com o emocional inclusive traba-
lhando. Qual o seu nível de entre-
ga nas suas representações?



Orestes Pezzotti e o pintor campineiro Aldo Cardarelli pintam juntos em Sosas, em 1960

da marginalidade.

Galeria abre exposição do pintor Pezzotti

A galeria Coreto abre hoje, às 20h, uma exposição em homenagem ao pintor italiano Orestes Pezzotti, nascido em 1903, em Scalsa, Itália. Pintor de paisagens, naturezas mortas e retratista, ficou conhecido pela linha acadêmica, marca registrada de seus trabalhos.

No Brasil, Pezzotti fixou residência em Campinas. Trouxe da Itália a técnica e a arte que influenciaram muitos artistas. Registou cidades típicas do interior do País em belos flagrantes de sombra e luz. Recebeu muitos prêmios e faleceu em 16 de abril de 1966, quando completaria 63 anos. Os quadros expostos pertencem ao acervo da família.

A exposição fica aberta até 30 de novembro, de segunda a sexta-feira, das 14 às 17h, na galeria Coreto, rua José de Alencar, 701, Centro.

Pertencem à coleção de
dr. Paulo Alvares Sobro
falecido em 1932



ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Fundo da Casa do Marquês

Materia: óleo sobre tela

Dimensões: altura 0,43 - largura 0,32.

Época: século atual.

Autor: Uestis Pezzotti

Coleção: Celso Maria de Mello Pupo

Observações: quintal na rua dr. Durino esquina
de Ferreira Penteado, residência do Marquês
de Três Rios, depois de sua outa dona Maria
da Conceição Franco de Andrade.



ARQUITIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



Congonhas MS





ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



"Antônio Barreto do Amaral," Dicionário
de História de São Paulo" pag 475.

Vista quadros da vida de Santa Teresa no Museu
Bispediocesano de Campinas

Egídio Martins I 50

Em uma das salas do antigo
palácio do governo foi, "antes
de se estabelecer uma aula
de pintura e desenho e a contri-
tar o professor e provê-lo do
necessário regulamento. O prof-
sor Jorge José Pinto Vedras foi
contratado" (aprecen de 1846 a 1865)

Escultura

ARQUIVO
Celia Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Velez, Marcelino

monumento de Tomás Alves - "A Tribuna" 14-III-1924

túmulo de Sta Ana Gomes - A cidade 21-III-1909

túmulo de Augusto Xavier Rodrigues (Cm. de Camp. SP) cidade 27-III-1909

túmulo de Afonso Novais (cidade 27-II-1907)

Exposições (~~A Tribuna~~ O Mensageiro 11-VIII-1912)

Trabalho na Pinacoteca do Estado (Catálogo 2 434)

monumentos dos mortos de 1932, na porta
do cemitério de Saudade

Heulio Battistoni Filho - "A Vida Cultural em
Campinas nos Anos 20", 80.

21-VII-1952 - Fallece
Marcelino Velez autor
de bustos e monumentos
de cidade e do Mausoleo
do Soldado Consti-
tucionalista no Ce-
mitério de Saudade

Marcelino Velez
30-V-1909 inaugu-
ra-se no cemitério
de Saudade o mau-
soleo de Sant'Ana
Gomes, obra de escul-
tor acima

Sant'Ana Gomes fale-
ceu a 4-IV-1908

MARCELINO VÉLEZ

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

RUY MARTINS FERREIRA

O escultor Prof. Marcelino Vélez, campineiro de nascimento, foi varão único entre os filhos do casal Patrício Vélez, madrilheño radicado no Brasil desde o último quartel do século passado. Quando o conheci, Patrício era ancião avançado, ainda forte, enérgico, ereto, meio calvo e de longas barbas que lhe desciam em ponta até quase à cintura. Trabalhara em moço aprendendo nas Oficinas Reais da sua terra.

Vindo já casado, tentara o comércio em Campinas e São Paulo. Depois retornava cá ao seu mister de mestre marmorista de arquitetura, no que se tornara conceituado. A sua última oficina com oficiais situava-se, ultimamente, em dependências ao fundo da mansão dos Ataliba Nogueira, à Rua do Bom Jesus, hoje Avenida Campos Sales. O filho frequentara aulas de Desenho no Liceu de Artes e Ofícios da Capital; tivera mais ensinamentos técnicos e de estilos ornamentais do saber paterno, do que muito se orgulhava-se. Todavia, excelente profissional embora a sua alma de artista mal se continha na blusa de artefice; assim por vezes pode manifestar-se. Executava projetos seus inteiramente, ou substituiu nos projetos paternos as clássicas figuras marmóreas muito alvas angelicas iguais, que em série comercial provinham das oficinas de Carrara. Então de estro próprio plasmava e fazia fundir em bronze figuras que melhor e mais inspiradamente acordavam com monumentos funerários ou sacros.

De uma feita obtivera expor originaes em gesso dos seus trabalhos escultóricos no grande salão, que era uma pinacoteca do Centro de Ciências, Letras e Artes.

Com isso, sem favor político, antes com aplauso geral, alcançava do Governo do Estado o gozo de um pensão para estudar na Europa durante cinco anos. Logo partia para Roma com a esposa e três filhos pequenos, mas não ia sereno. Deixava a família paterna, a oficina aos cuidados do chefe, anoso e já combalido sem a companhia do filho.

Em Roma não encontrara o que esperava: um "estúdio" de mestre. Era quase verão, os cursos entrados em férias; a vida caríssima em ambiente confuso, brilhante de veranistas estrangeiros que parecia pouco acolhedor para o recém-chegado.

Por acaso, em fins de junho, encontrava certa manhã na Piazza Barberini dois patrícios coestaduanos que miravam a "Fonte del Tritone". Alegrou-se. A convite dos mesmos, que estudavam pintura em Florença, para lá se mudou tornando-se condiscípulo dos mesmos no *Studio Simi*, num extremo da cidade, Cesarão medieval de ruína, mirando o rio Arno e uma das portas com torre das derrubadas murallas de contorno.

O Prof. Filadelfo Simi, montanhês de Lucca, fora discípulo em Paris do mestre Gérôme tornando-se escultor e pintor como o mestre, como ele verista, rigoroso no desenho e no colorido. Membro da Academia "della Crusca" órgão renascentista preservador da pureza da lingua italiana e das tradições florentinas do Renascimento; membro também da Academia de Belas Artes.

Caira pois Marcelino Vélez em boas mãos, e disso logrou proveitos que o tornara martista capaz, probo, conhecedor da sua arte; rigoroso no conhecimento da anatomia pitórica haurido em aulas no anfiteatro da Faculdade de Medicina dadas pelo notável Prof. Gaetano Chiaruggi. Plasmava com a segurança e o desembarço logrados em oito horas diárias, ou mais enquanto havia luz solar; complementadas com visitas às Galerias: Uffizzi, Bargello, Pitti, Arte Antiga e Moderna; templos, palácios, até praças que Florença é toda escola e museu.

A pequena colônia estudantil era composta de pouco mais de meia dúzia de brasileiros que se encontravam aos sábados a tardes ou em feriados e festas, para matarem saudades em português, e divertirem-se como natural e possível; não havia nenhum abastado. Dois pernambucanos e o resto de São Paulo...

Havia mais um quadragénario musicista de méritos — Eduardo de Figueiredo, que em Florença residia — via del Mezzo, com a sua venerável genitora, viuva do pintor Pedro Américo de Figueiredo, que em Florença residira — onde havia pintado com aplauso geral a grande tela "A Batalha do Avai". Por isso o seu auto-retrato então figurava na sala dos retratos da "Galleria degli Uffizzi".

O inverno escuríssimo, chuvoso em excesso, retina à noite em suas casas os brasileiros ao pé dum cepo mofo a arder na lareira, ou dum fogãozinho de ferro e louça a consumir antracite. Horas escassas de sol no atelier envidraçado onde o modelo profissional nu, imóvel, mas pausado ia-se esfregar nas juntas, ao pé do forno. Depois a primavera ameaçando transbordar o histórico Arno de muitas pontes no degelo das montanhas.

Já as encarvoadas pontas dos plátanos da arborização urbana se entumesciam arroxeados e rebentavam de repente num verde incrível, maravilhoso, preludiando maio em flor. O sol novo fundia o esmalte azul limpo dos céus da

Itália a despertar ansias de sair ao ar, livres de agasalhos de estufas, na mocidade da estação em flor. Depois junho e julho da ceifa dos trigais, do aroma do feno cortado secando em meadas. Mais luz, mais alegria de cores e expectativa de férias. Mas de repente um rumor, depois a confirmação das desordens irracionais num rastilho para a explosão da Primeira Grande Guerra. O começo do fim da Belle-Epoque européia que terminou com a grande gripe de dezoito.

A guerra e as suas consequências: ordem consular de embarque aos brasileiros; o atropelo dos retirantes vindos até do centro da Europa, alguns sem nigueal ajouçados de malas pelos cais de Génova e Nápoles.

O miúdo ronceteiro mas eguro "Garibaldi", navio transporte nas "andorinhas" que iam e voltavam entre duas estações para a colheita dos trigais platinos abarrotou-se de brasileiros a trouxe-mouxe sem escalas até Santos. Apenas breve parada em Gibraltar sob a ameaça de vasos britânicos e o peñon ericado de artilharia. Enfim a longa serra azul do Paranapiacaba...

Em Campinas aguardam preocupações ao moço: — o genitor, já se encurvando para a sepultura, entre dores esculpia, num bloco, a cruz de mármore enredada de Raras que ora encima o próprio jazigo que também o é dos seus. Mármore não vinha mais da Europa em crise. Para trabalhar, somente o granito das encostas brasileiras, belo mas duríssimo. O moço sem desânimo soube domá-lo e tirar partido. Assim amparou com amor e trabalho o restante da família paterna, e a sua que florescia sempre.

Dada a impossibilidade de retornar aos estudos desistira do pensão artístico aceitando a cadeira vacante de Desenho na Escola Normal de Campinas. Aí o espírito incansável de João Augusto de Toledo, dividindo nele méritos pedagógicos, soube associá-lo em suas pesquisas didáticas para maior adequação da matéria ao ensino. Entretanto não ficara esquecida a arte. Quando de iniciativa popular foi promovida a ereção de um monumento à memória do médico filantropo Thomaz Alves, teve o gosto de "ver aceito e de executar" o projeto que apresentara: — uma exedra de granito ladeada de duas figuras de bronze — a da Medicina, que abraçava traços fisiológicos de Zeze Leone a gentil camoneira em 1921 eleita a Rainha da Beleza do Brasil; e a imagem consagrada da cidade com sua coroa mural e o cetro. Debruçada nos degraus, uma figura maternal apresenta o filho e simbolizando a gratidão, desdê flores ao homenageado. Outros trabalhos seus figuram em jardins embelezando lugares. Porém, como que a encerrar grandiosamente a sua vida laboriosa de mestre e artista, coube-lhe mais uma vez, um concurso comum e executar o que se considera a sua obra máxima: o Mausoléu dos Voluntários partidos de Campinas em 32. Outros monumentos idênticos poderão ser mais vistosos, porém nenhum como este — elevado exclusivamente à custa da população — singular único em seu aspecto e particularidades. Projetado e executado por um camoneiro calculado em suas estruturas por arquiteto camoneiro; feito de granito exclusivamente do nosso chão negro, alvo e rubro aqui executado — figura muralha ameadada de que cada pilar saliente, erecto, representa o soldado ali jacente, cujo nome se inscreve em letras de bronze. Duas bandeiras paulistas abertas se estendem protetoras lado a lado, apesar de retílineas, palpitam.

Feitas de lajes de três cores superpostas em toda a extensão prendem-se ao marco central que ostenta o brasão do Estado e em caracteres de bronze a consagração em versos do poeta-soldado campineiro Guilherme de Almeida à frente, em proporção maior do que o natural, monta guarda ao sono dos heróis a figura de um moço, como alguns, ginásiano do Culto à Ciência, retornado das trincheiras, autêntico soldado, que serviu de modelo escultórico ao próprio pai.

Dentro, na cripta repousam outros caídos em roda da cidade: praças da Força Pública do Estado e voluntários civis, entre os quais o Prof. Aragão, do Ginásio da Capital. Marcelino Vélez ainda executou elementos em estilo romântico na demolida Igreja do Rosário, que fora decorada no estilo néo-bizantino de Beuron, por artista que colaborara na decoração da Abadia de São Bento, na Capital. Certa vez, em arremedo de concurso, teve os seus projetos, em escala, detalhados, subrepticiamente facilitados a um marmorista protegido e menos capaz. Fechou a oficina, transferido para a Capital, reconhecidos os seus méritos de Professor, e junto aos filhos já diplomados, de lá retornou para, junto dos genitores, repousar a dois passos da sua obra máxima. O seu nome hoje orna uma escola.

Pená é que o Mausoléu dos Voluntários, abandonado, sirva para que nele se queimem velas que o anegrecendo, desfiguram horrivelmente; que a Praça dos Voluntários, restringida, se tenha transformado em feira de quinquilharia barata afogando o Monumento.

Diário do Povo - 10-VII-1975

Valério Vieira criou inovações em fotos no início deste século

Free-lance para a **Folha**

Inúmeras construções de estilo europeu alteravam a paisagem provinciana das ruas e vielas de São Paulo, em 1901, quando o fotógrafo Valério Vieira recebeu, pela fotomontagem "Os 30 Valérios", o prêmio internacional em Saint Louis, nos Estados Unidos. Nela, o autor reproduzia 30 vezes o seu próprio rosto, realizando um projeto ambicioso, em negativos de chapas de vidro, com os escassos recursos da época.

Pintor, compositor e pianista, Valério Octaviano Rodrigues Vieira nasceu em 1862, em Angra dos Reis (cidade 190 km a sudoeste do Rio de Janeiro). Ele reuniu em um sarau lítero-musical, dentro de um clima poético, suas fisionomias, que foram estampadas nos convidados, nos três quadros da parede, nos músicos, no garçon e até no busto em cima de um móvel.

A obra exigiu um meticuloso trabalho de paciência e pesquisa, envolvendo o complicado processo por cópias por contato em papel e recortes de cada uma das imagens. A montagem final exigiu cálculos matemáticos em relação às distâncias e perspectivas para que as figuras fossem proporcionais dentro dos vários pontos do cenário. Com o sucesso do trabalho, Vieira passou a repetir a técnica em postais e fotos de documento da época, como a do Conselheiro Duarte de Azevedo defendendo um habeas-corpus (foto abaixo, à direita).

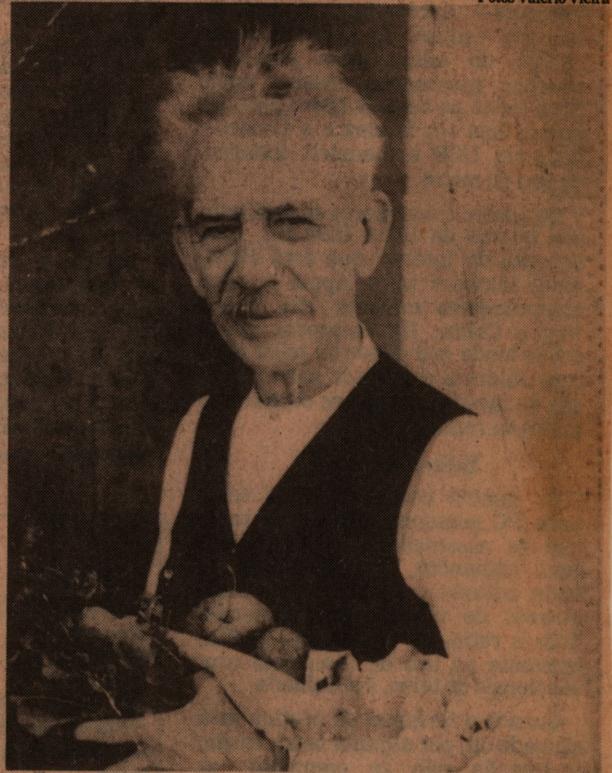
A alma dos negócios

Segundo Maria Luiza Vieira, 55, neta do fotógrafo, Vieira era um excelente negociante e acreditava que "a alma dos negócios" estava nas inovações que pudesse introduzir na fotografia. "Ele era muito criativo e inventou várias novidades para agradar a clientela", explica. Seu estúdio, instalado no centro de São Paulo, na rua 15 de Novembro, era ponto de encontro de políticos, artistas e intelectuais.

Lá, Vieira projetou vários tipos de cenário, como a parte frontal de um automóvel, para dar a impressão que as pessoas fotografadas estivessem dentro dele. Inventou a foto de formatura, para registrar os bacharéis da Faculdade de Direito do largo de São Francisco, e criou o "cartão bebê", de 10 x 7 cm, com a foto da pessoa, que servia como cartão de visita para o possuidor.

Foi através dos retratos (por-
ts) que Vieira tornou-se conheci-

Valério Vieira, em 1939, quando ele tinha 76 anos de idade



do. Essa modalidade foi coqueluche nos primórdios da fotografia. Dava ao retratado a possibilidade de perpetuar-se para a posteridade. Como especialista no assunto, registrou personalidades como Lins de Vasconcelos, Cardoso de Almeida, Carlos de Campos, Lacerda Franco e Duarte de Azevedo.

Ampliações gigantes

Mestre na arte de inventar, Vieira realizou ampliações gigantes sem ter equipamentos adequados. A primeira, em 1908, era uma vista da cidade de São Paulo de 180 graus, com 11 metros de comprimento, sem emendas. Obteve as tomadas girando a câmera fotográfica sobre um tablado numerado em 5 posições. O feito foi repetido na Alemanha, porém com 5 máquinas dispostas em semi-círculo, com disparos simultâneos para garantir a exposição. Mesmo confeccionado de forma rudimentar, o trabalho de Vieira recebeu o "grand prix" na Exposição Nacional do Rio de Janeiro.

Para superar a idéia anterior, por volta de 1915, construiu um painel com 20 metros de comprimento, também com uma vista sobre São Paulo. Devido à falta de papel provocada pela guerra na Europa, Vieira empenhou-se em encontrar a fórmula química para fabricar seu

próprio papel fotográfico. Vencido o obstáculo, as imagens do painel foram reveladas com o auxílio de dezenas de pessoas, que transformaram um enorme salão da prefeitura em laboratório fotográfico.

Excursões

Seguindo os exemplos do amigo e fotógrafo paisagista Militão Augusto Azevedo (1837-1902), Vieira excursionou com sua câmera para registrar acontecimentos da época. Documentou a visita do rei Carlos de Portugal (início de 1900), o que lhe valeu uma comenda. Fez propaganda da imigração italiana, fotos que lhe deram o título de Cavaleiro da Coroa Italiana. Como paisagista, fotografou várias cidades do Vale do Paraíba e Ouro Preto, em Minas Gerais.

Vieira faleceu em 1941, deixando muitos trabalhos. De acordo com a neta Maria Luiza, a dispersão dos trabalhos, que foram vendidos a muitas pessoas, tem causado dificuldades para reuni-los. As principais obras, como "Os 30 Valérios" e a ampliação de 1908, foram expostas na comemoração do quarto centenário da fundação da cidade de São Paulo, em 1954, e, posteriormente, no Masp (Museu de Arte de São Paulo) e no MIS (Museu da Imagem e do Som). (AMG)

Fotos Valério Vieira

Retratos faziam sucesso entre as famílias ricas no século passado

Free-lance para a **Folha**

A pose estudada, o rosto meditativo ou discretamente alegre, as mãos na cintura e as pernas simétricas eram os ingredientes mais adequados, no século passado, aos portraits ou retratos. Eles eram a fórmula que os fotógrafos encontraram para eternizar políticos, artistas, escritores, gente famosa ou anônima. Tecnicamente, dividiu com as fotos de paisagens os primórdios da fotografia. Os dois assuntos tinham processos de produção semelhantes. O fotógrafo precisava apenas instalar a câmera no estúdio ou ao ar livre, expor a chapa por no mínimo 30 segundos (os filmes eram bastante lentos), revelar e obter os resultados.

O portrait foi o primeiro gênero que aproveitou plenamente a técnica da impressão fotográfica. Seduzia o público por causa da possibilidade de ser ampliado para os mais diversos tamanhos, com grande número de cópias. Outra vantagem eram os cenários especiais e luxuosos que, geralmente, personalizavam o fotografado.

O modismo também refletia o formalismo e a seriedade, na época, posturas em voga entre as famílias da alta classe sócio-econômica. O portrait estático, feito em estúdio, foi deixado de lado quando os fotógrafos descobriram que as pessoas tornavam-se mais interessantes e reais fotografadas em seus ambientes naturais.

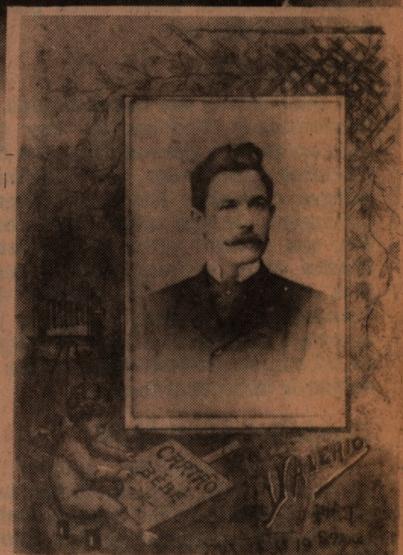
O portrait criou uma safra de fotógrafos importantes, entre eles, o inglês Charles Dodgson (1832-1898), mais conhecido como Lewis Carrol, autor de "Alice nos país das maravilhas" e especializado em retrato de meninas de 6 a 10 anos. Margareth Cameron (1815-1879), também de origem inglesa, aos 50 anos, resolveu transformar o galinheiro de sua casa em um luxuoso estúdio para produzir portraits de 30 x 40 cm, ao contrário dos fotógrafos que faziam apenas postais de 13 x 10 cm. O francês Gaspard Tournachon (1820-1910), conhecido como Nadar, foi o mais famoso e imortalizou em portraits Franz Litz, Rossini, Alexandre Dumas, Georges Sand e Sarah Bernhardt, entre outros.

No Brasil, o modismo atraiu a alta sociedade de São Paulo e do Rio de Janeiro, porém, logo se popularizou



Retrato utilizando como cenário um carro montado dentro do estúdio (acima) e o "cartão bebê" (à direita), que servia como um cartão de visita

devido à abertura de grande número de estúdios. O portrait brasileiro foi responsável pelo aparecimento do tradicional "álbum de família", onde constavam os mais diversos acontecimentos familiares. Para ser realizado, bastava fazer a pose e olhar fixamente para a câmera no momento em que o fotógrafo gritasse "Olha o passarinho!". (AMG)





"Os 30 Valérios", realizada por Vieira em chapa seca de vidro, ganhadora de prêmio internacional em 1901



Foto inédita, onde Vieira é o primeiro à esquerda da segunda fila; na tribuna, o Conselheiro Duarte de Azevedo

Folha de São Paulo

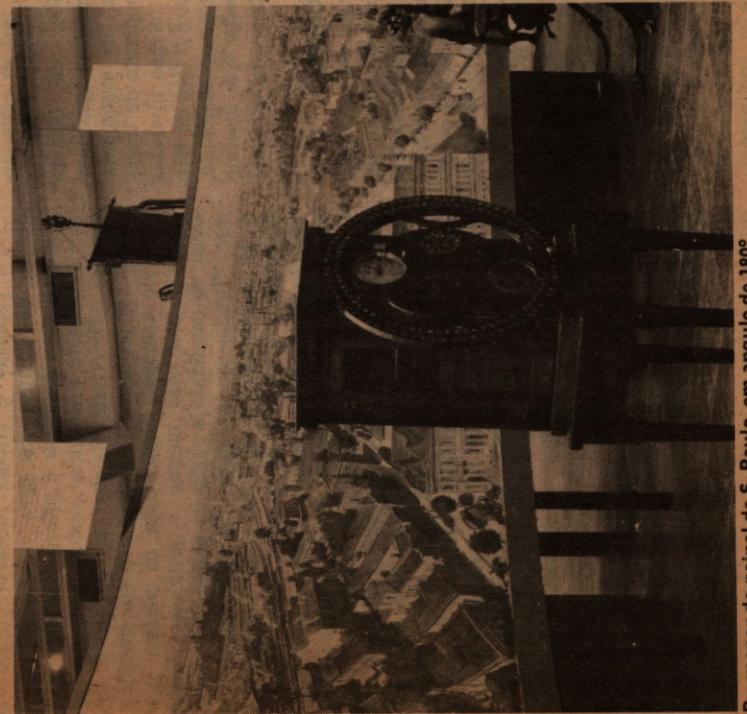


O "cartão Bébé", uma novidade na época

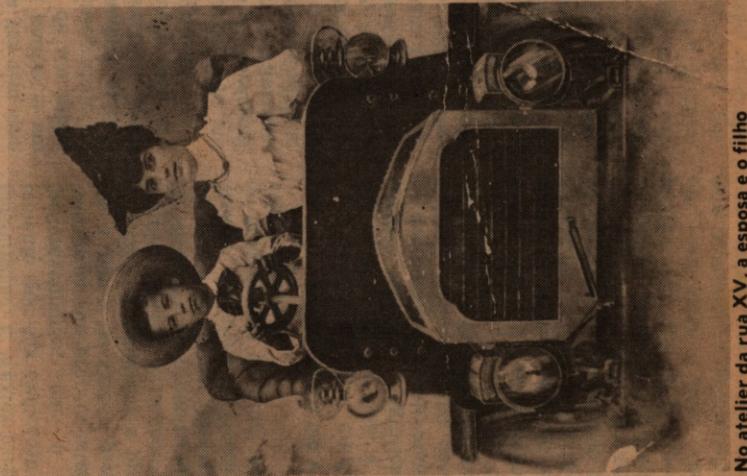
VALÉRIO VIEIRA

viveu em são paulo um dos gênios da fotografia mundial

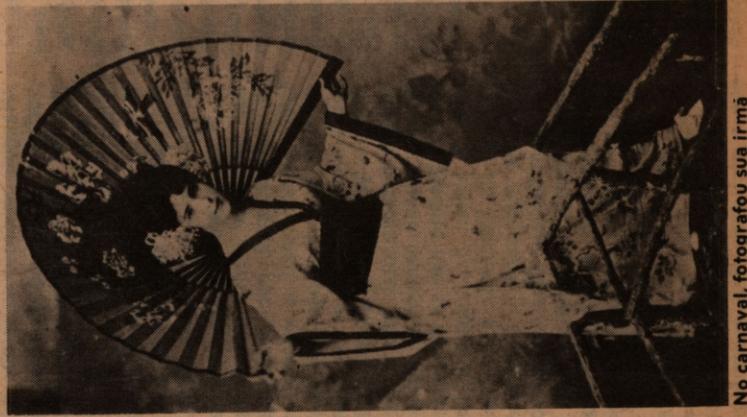
"Folha de São Paulo"



Pormenor do painel de S. Paulo, em angulo de 180°



No atelier da rua XV, a esposa e o filho



No carnaval, fotografou sua irmã



Valerio Vieira, moço

BORIS KOSSOY

Ele foi pintor, compositor, ótimo pianista, extraordinário fotógrafo.
Há 75 anos, sua casa em São Paulo era ponto de encontro de intelectuais e políticos da época. Recebeu a medalha de prata na Exposição de Fotografia de Saint Louis, Estados Unidos, em 1901, e o Grand Prix na Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908; era comendador em Portugal e cavaleiro da Coroa Italiana. Seu nome era Valério Vieira. Nasceu em Angra dos Reis, em 1862. Contra a vontade dos pais, foi ainda moço para o Rio, matriculando-se na Escola de Belas Artes. Por volta de 1888, casou-se em Pindamonhangaba com Carmen Augusta Villas Boas Teixeira, começando a trabalhar como fotógrafo e pintor. Fez diversos retratos nas cidades ao longo do vale do Paraíba e em algumas cidades mineiras, como Ouro Preto. Em 1892 radicou-se definitivamente em São Paulo, abrindo seu estúdio na rua XV de Novembro, 19. Como todo fotógrafo, Vieira tinha uma atividade artística, desenvolvida para satisfazer a si próprio, e outra comercial, o **portrait**. Foi ele quem lançou em São Paulo a moda dos retratos de formatura, que mais tarde se tornariam uma tradição, principalmente entre os novos bachareis da Faculdade de Direito do largo de São Francisco. Seu estúdio, aos poucos, tornou-se conhecido dos maiores políticos da época: Rodolfo Miranda, Lins de Vasconcelos, Lacerda Franco, Freitas Vale, Cardoso de Almeida, Firmino Pinto, Carlos de Campos. E no entanto, seu êxito como autor de **portraits** não o transformou num comerciante de retratos. Ao contrário, soube dividir seu tempo entre uma atividade puramente financeira e uma constante pesquisa estética. Para a exposição de Saint Louis, Valério Vieira preparou uma obra-prima de criatividade fotográfica: "Os 30 Valeiros". A foto mostra uma sala de concertos; todos os presentes — os músicos, os convidados, o mordomo, o garçon, até o busto em cima de um móvel e as fotografias nas paredes — são a mesma pessoa em poses e atitudes diferentes. Valério Vieira fotografado 30 vezes

PANCADARIA

Mas o fotógrafo dos acontecimentos da vida paulistana motivou também fatos pitorescos. Depois de fotografar a inauguração da Estação da Luz, Valério Vieira ampliou o negativo e o expôs na porta de seu estúdio, na intenção de conseguir publicidade. Um senhor que por ali passava, ao examinar a fotografia, reconheceu sua esposa, presente à inauguração, de mãos dadas com um estranho. Pode-se prever o que se seguiu: procura de satisfações e grande pancadaria. Ciente de sua condição de fotógrafo, Valério Vieira participava das mais diversas campanhas promocionais, divulgando seu nome no exterior. Quando soube da vinda do rei Carlos de Portugal ao Brasil, fez um **croquis** da chegada ao Rio do visitante, o que lhe valeu uma comenda. Durante a exposição de Turim, na Itália recebeu o título de cavaleiro da Coroa por ter defendido a causa da imigração italiana para o Brasil. O artista interessou-se grandemente pelas foto-ampliações de grandes dimensões.

VIRE

Pesquisando neste campo, produziu em 1908 uma fotografia panorâmica da cidade de São Paulo, um painel de 11 metros de comprimento em um só papel, sem emendas. Exposto na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em pavilhão especialmente construído anexo à seção paulista, por ordem do então presidente do Estado, Albuquerque Lins, o painel valeu-lhe o Grand Prix da exposição.

ERA MAIOR

Trabalho semelhante já havia sido feito na Alemanha, pela importante casa NPG, de Berlim, uma das maiores produtoras de

papel fotográfico do mundo:

No entanto, a casa alemã pode construir um grande barracão às margens de um rio para a lavagem do papel, enquanto a obra de Valério Vieira foi produzida no pequeno estúdio da rua XV de Novembro, com recursos improvisados. Além disso, o painel de Vieira era maior. O painel alemão foi feito com cinco máquinas de objetivas idênticas, dispostas em semi-círculo, abrangendo 180 graus, dotadas de um sistema mecânico que disparava os cinco obturadores ao mesmo tempo, garantindo uma mesma exposição para todas as chapas. Na falta de todos esses recursos técnicos, Valério Vieira teve que usar um processo seu,

improvisado:

utilizando apenas uma máquina, apoiada num tablado perfeitamente nivelado, conseguia as chapas uma por uma, girando a máquina sobre o tablado numerado também abrangendo 180 graus: em cinco posições. Diante do êxito da primeira experiência, Vieira partiu para uma segunda, ainda mais audaciosa, com o apoio financeiro do então prefeito de São Paulo, Firmino Pinto. Mas havia um grave problema a superar: a falta de papel sensível, que deveria ter de 15 a 20 metros de comprimento por dois de largura. Durante dez meses procurou, sem nada conseguir, o material necessário na Europa e nos Estados Unidos. A primeira guerra mundial tinha limitado

a produção de tudo que não fosse necessário nos campos de batalha.

"Só dos artigos de consumo cuidam as indústrias presentemente", anotaria Vieira em seus apontamentos.

Finalmente, decidiu-se a fabricar seu próprio papel e montou

em casa um pequeno laboratório químico, onde procurou durante três meses uma fórmula de emulsão sensível, auxiliado por Conrad Wessel. Ao mesmo tempo, tentava encontrar um processo mecânico para a distribuição da emulsão sobre o papel auxiliado desta vez por seu filho Francisco. Apesar de todas as dificuldades, viu-se uma vez mais vitorioso.

VILLANUEVA - Emílio

Espanhol.

Notícias: Gazeta de Campinas 27-IV - 1877 2-V-1877

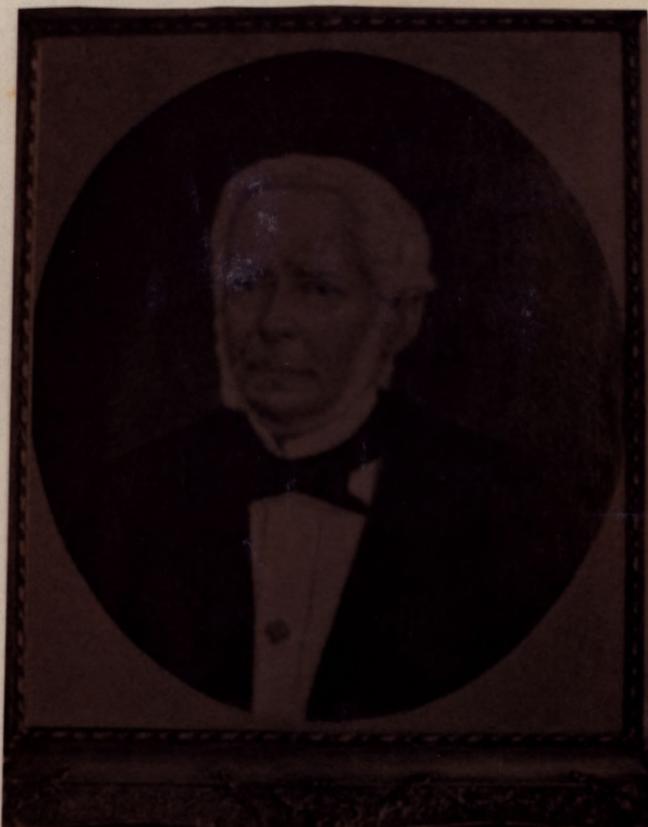
Retrato do Juiz Francisco de Assis Pupo. Longa notícia
"Campinas, Município no Império" 74. 2-V-1877.

VILLANUEVA - Emílio S.

Espanhol.

Notícias: Gazeta de Campinas 27/IV/1877 2/V/1877.

Retrato do Juiz Francisco de Assis Pupo, Gazeta 2/V/1877 ~~1~~ notícia.



02 — Oleo de Vilanueva, Juiz Francisco de Assis Pupo, coleção Diogo Pupo Nogueira.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Segue

PINTOR E RETRATISTA À ÓLEO.

"O abaixo assinado, retratista a óleo, achando-se de passagem nesta cidade, tem a honra de por-se à disposição do público para tirar retratos a óleo, podendo as pessoas que quizerem aproveitar-se de seus trabalhos na arte que professa, procurá-lo no hotel do Comércio, onde estará pronto para atender qualquer pedido.

Campinas, 26 de abril de 1877.

(a) Emílio S. Villanueva.

"Gazeta de Campinas" 2/5/1877. "Noticiário"

"Retrato" - O talentoso artista sr. Emílio S. Villanueva que se acha nesta cidade, conforme noticiamos ha dias, acaba de dar uma prova de sua aptidão como retratista, reproduzindo a óleo um excelente retrato do falecido dr. Francisco de Assis Pupo, um dos mais distintos cidadãos que Campinas tem possuído e de quem ainda lembra a ha de lembrar sempre com a mais profunda e sinsera saudade.

O retrato está feito com notável habilidade de maneira que a pintura vista nota-se a perfeição dos traços fisionômicos e a naturalidade do colorido, trabalho este tanto mais admirável quanto é certo que foi copiado de uma das simples fotografias do sr. dr. Pupo.

Sem dúvida alguma o sr. Emílio S. Villanueva torna-se recomendável com a prova que acaba de exhibir de seu mérito artístico como retratista.

O retrato acha-se em exposição no hotel do Comércio".

Uleco

Villaronga, José Maria

faleceu ("Opiniões Liberais" de 25 e 26 - XI - 1881.
Não faleceu - notícia errada, desmentida

Fez o pano de boca de Teatro São Carlos de
Campinas ("Opiniões Liberais" de 6 - XI - 1873

"Gazeta de Campinas" de 31 - VII - 1873: "Em sala da
Matriz Nova onde foi recebido o Sr. Bispo,
achava-se pendurado um retrato de S. Excia.,
minimo grande do sr. J. M. Villaronga. Apesar
de ser copiado de uma fotografia, o trabalho
era nítido e apresentava saliente semelhança.

Mas o que sobremodo realça o merecimento é o
pouco prazo em que foi feito. Se o sr. Vilaraon-
ga já ^{não} fosse conhecido como um artista consen-
sado e de aptidões tão insignes como pronun-
ciadas, bastava esta prova a captar-se todo
o apreço e consideração".

Cecília de Barros Pereira de Sousa Braga:

"Evoação" 63.

"Gazeta de Campinas" 1 - XI - 1873 - 8 e 15 - XI - 1874
28 - XII - 1875 - 30 - VII - 5 - VIII - 12 - VIII - 18 - VIII - 25 - XI - 1876 -

Campinas, maio de 1984

Sr. Embaixador Luis de Almeida Nogueira Porto

Uma visita que nos fez a nossa querida amiga (mãe e de minha família), antiga companheira de participação pública que dirigiu por trinta anos - dona Cecília de Barros Pereira de Sousa Paes - proporcionou-me conhecer seu belo trabalho sobre Villaronga, publicado em suplemento de "O Estado" de 13 de março a 5 de junho de 1977.

Como diz V. S. que "todas as distribuições sobre ele serão bem-vindas", apresse-me em comunicar-lhe o resultado de pesquisas que fiz para redigir memória sobre o centenário de nossa Cathedral, permitindo-me escrever:

"Desta publicidade resultou, a quatro de novembro de 1871, a assinatura de contrato de construção entre o diretório e os empreiteiros João Marques Faria, Domingos Ferreira Torres e José Maria Villaronga sob a razão social de José Maria Villaronga, Faria & Comp, ou Villaronga, Faria, Torres & Comp."

O jornal "A Gazeta de Campinas" publicou em 31.VII - 1873: "Dom Luis de Odete Rodrigues de Carvalho, que foi recebido na "Sala de Matriz Nova" onde se achava um retrato de Sua Excia., munido de um brinde do sr. J. M. Villaronga." No mesmo ano Villaronga pintou o parapeito de boca do Teatro São Carlos de Campinas. Outro jornal "O Espinheiro Sertão" em seus números de 25 e 26 de novembro de 1881, notou

com a morte e sua desmentida em seguida. (2)
Portanto, Villaronza permaneceu em Campinas
de 1871 a 1818, certamente fazendo outros trabalhos.

Não encontrei o citado retrato do Bispo
Leon Sino, mas lembro-me bem do pau de
boca do ~~citado~~ demolido teatro, cujo paradeiro
ignoro, possivelmente destruído como geralmente
se faz em nossa terra. Se o encontrar não
dixarei de fotografá-los a cores, como faço in-
variavelmente com pinturas antigas.

Quero receber os meus cumprimentos
e protestos de maior apreço.

Faculdade de Direito de São Paulo

("Notas de Viagem" por Firmino de Albuquerque Diniz)
(pags. 55 e 56)

"a sala dos retratos, de alguns lentes e conforme disseram-me, denominada especialmente - sala dos graus - por ser aquella, onde se faz a collação dos de doutor, está ornamentada com gosto: o plano e trabalhos são do arquiteto e pintor Vilaronga (67) espanhol ha muitos anos. residente no Brasil - e artista hábil"

(67) Joaquim M. Vilaronga, residente à R. do Curador (hoje José Bonfácio).

Paga 120

"No momento em que iamos levantar-nos, appareceu no salão um velho alto, fisionomia agradável, trazendo um costume de Casimira parda. Seus densos bigodes, cuidadosamente tratados e também uma enorme rosa, que trazia na lapela do paletó, ao lado esquerdo, atraíam a minha attenção e a do jornalista.

- Conheces aquelle cidadão? perguntou o jornalista ao dr. G...

- É o V., um hábil pintor; é filho de Espanha, mas há muitos anos reside no Brasil, e tem percorrido diversas provincias."

"Sim, trabalho sempre; vou fazendo o que posso, ora maneyando a brocha, ora de palheta e pincel a pintar o padre, como se costuma dizer; sinto, porém, maior prazer quando estou na minha casa, a chá, tratando de minhas hortaliças e flores ou fazendo alguns quitutes; e creia que os faço muito bons; se algum dia quizer apreciá-los, é só ir lá"

"E em a tal respeito posso falar com conhecimento do assunto: fa por duas vezes quase abandonar a profissão: uma quando em Campinas, sendo violados meus direitos garantidos por um contrato e tentando a reparação de uma injustiça, encontrei um juiz, que levou quatro anos mais ou menos para proferir a sentença: enquanto isso, prejuizo"

"Tenho ouvido por vezes falar-se de um trabalho seu na Faculdade de Direito; revela ser o senhor um pintor da escola realista, um revolucionário da arte.

- Não sei a quem alude: na Faculdade há vários serviços meus caprichosamente feitos, principalmente o da sala denominada imperial; a pintura decorativa tem sido muito apreciada. Provavelmente o senhor refere-se a essa sala?

- Eu me refiro à pintura da Justiça: não sei em que sala esta: recorda-se como a representou?

- Sim

- Mostrou-se o Sr. do molde classico, geralmente seguidos até hoje.

- Um pouco, sim Sr., afastei-me

- Como sabe, a Justiça é representada por uma jovem mulher, de olhos vendados, tendo pendente de mão esquerda uma balança e na direita a espada; o Sr. mostrou-se revolucionário; suprimiu a mulher.

- E também a espada.

- Exatamente, e pintou a balança e um pu-

nhal"

"O Estado de São Paulo" Suplemento
Cultural de 5-VI-1977, página 6:

Artes

Villaronga: um pintor esquecido, na
coste do rei café.

L. de A. Nogueira Porto

"Vassouras, 1856. Informa o Almanaque
naquele Saemann de esse ano que a "Vila"
contém 345 casas e acham-se em construn-
ção mais 23. A população é de 3.500 habi-
tantes".

Desses habitantes, os de maior des-
taque econômico, social e profissional
se acham devidamente classificados no
Almanaque: médicos, arquitetos, mestres
d'obras, boticários, professores, padeiros,
músicos, alfaiates, ferradores, pro-
prietários na Vila, capitalistas, nego-
ciantes (matriculados ou não) relojoeiros,
fazendeiros, barões e fogueteiros. Mas
nenhum pintor. Se figurassem nele,
é certo que iríamos encontrar o nome
de José Maria Villaronga, espanhol de ori-
gem, domiciliado e residente naquela Vila

à Praça da Concorórdia (atual Barão de Ca-
 quivan): "quase junto à Casa da Câmara"
 tal como figura no Cadastro dos foneiros
 de Nossa Senhora da Conceição, citado pe-
 lo Professor Augusto Carlos de Siqueira Te-
 les ("Vassouras" separata da Rev. do Patrí-
 mônio Histórico e Artístico Nacional
 Vol 16).

Quem seria o pintor estrangeiro?
 De onde vinha, que bagagem de forma-
 ção artística seria a sua ao aportar em
 terras do Brasil, para instalar-se —
 omuito estrategicamente, diga-se de pas-
 sagem — no coração mesmo do opu-
 lento mundo do café que vicejava en-
 tão no Vale do médio Paraíba?

Dado pessoais que lhe digam
 respeito (até onde meu conhecimento vai)
 são bem escassos; sua obra, porém, fi-
 cou assinalada em cidades e fazendas
 por onde circulou, de 1850, de quando da-
 tam as pinturas da igreja da Sacra Fa-
 mília do Tringá, até as do Realto, pro-
 vavelmente de 1878.

O conhecimento da existência de

3

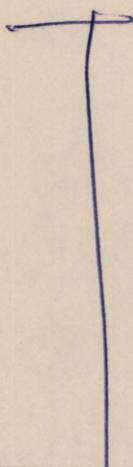
Villaronga, creio que deveremos a Emílio Galuar, pela menção que dele faz ao descrever a sua "Peregrinação pela Província de São Paulo" de 1860/61, a Fazenda do Resgate, em Bananal;

"Muitas fazendas de primeira ordem concorrem para a riqueza agrícola do município. Tive ocasião de visitar, além das do Sr. Barão de Bela Vista, a do Sr. Comendador Manuel de Aguiar Valim, que se tornou notável não só por ser uma das melhores propriedades do lugar, como pelo gosto com que são pintadas as salas e a capela de sua casa de moradia campestre. As pinturas são do hábil pincel do Sr. Villaronga".

Não fosse essa referência e estaria perdida a pista e a memória do pintor, pois poucas foram as obras que deixou assinadas e a tradição oral das famílias que frequentou no exercício de suas artes (consta que além de pintor era arquiteto e restaurador de obras sacras) não lhe guardou o nome; pelo menos até ao alcance da presente geração.

4

Com uma exceção, porém: a da família de D. Clarice Nóbrega de Gouveia, proprietária do sobrado dos Barões de Itambé, segundo a qual Villarounga teria sido o construtor da referida casa. Assim se lê na obra citada do Prof. Silva Teles.



"Na Igreja da Sacra Família existem 4 obras de Villarounga: dois painéis pintados sobre parede de taipa, de 2m 47 por 4m. cada um de um e outro lado do altar-mór. Um representa a Natividade. Está datado e assinado: José Maria Villarounga 1850. No outro estão representados dois grupos de ~~dois~~ ~~dois~~ figuras que se defrontam: Maria e Jesus Menino e Santa Isabel e João Batista. Este painel tem uma inscrição na base, do lado esquerdo: "Pintado por José Maria Villarounga. 1850.

As duas outras são óleos sobre

5
tela (3m 23 por 1,98); representam os apóstolos Pedro e Paulo e estão coladas nas paredes da nave.

Em livros de contas da Fazenda da Conceição, de Vassouras, aparecem lançamentos de pagamentos feitos ao pintor, em 1859: "Abril 25, A. J. Ma. Vel. Laranja. Pintura da Igreja. Junho 9 do mesmo para dourar 14 pilastrias da Igreja, a 100\$000 1:400\$000".

Ele reponta no Bananal em 1858, data que ainda figura numa alcova do Resgate, da qual fizera seu atelier e cujas paredes estavam cobertas de esboços e estudos a lapis e carvão. O município desfruta então do fastígio da riqueza e do luxo, como maior produtor de Café do país.

Pinta as dependências sociais da Fazenda. No grande salão de receber, que decorou com sobriedade e bom gosto em cores nobres: vermelho, azul, dourado, valorizando o branco-creme das paredes, aparessem pássaros e flores nas almofadas das por-

tas, na base das paredes, sob arfan ~~6~~ 6
las. Também ali figuram carrancese
outros motivos de inspiração grotesca.

No vestibulo, onde vem ter a escada
de acesso à casa, o pintor presta sua
homenagem às plantas que propoçio-
naram a prosperidade agrícola da Fa-
zenda: o café (num lugar de honra);
a cana, o milho, o feijão e a man-
dioca, que sobem dos rodapés, se
enroscam paredes acima e cujas ran-
guas fazem o contorno das janelas. Nes-
sa peça da casa aparecem também cu-
riosas pinturas murais destinadas
a provocar ilusões óticas, mediante jogo
de sombras: quadros que se destacam
das paredes como se não estivessem
pintados; pássaros que se projetam
em relevo. Em outras partes da casa,
vêm-se portas falsas, entreabertas,
pintadas nas paredes e, nas portas
de armários da sala de jantar, ^{garra} garra-
fas, pilhas de pratos de porcelana, ser-
viços de chá, uma fruteira cheia de
cegas, um embrulho em papel de for-

mal, com um selo "Olhos de cabra" azul...
 Inuques ingênuos, que devia deliciar o
 pintor bem como os seus clientes da época,
 pois ele se encontra repetido em deco-
 rações do Pratto.

No salão de jantar, a fantasia
 de Villarouga ergue vôo. No painel
 do centro, no alto, uma gaiola com
 pássaro solta no espaço, domina um
 morro plantado de café (bem mal
 plantado, por sinal, que o pintor de
 lavoura não entendeu, alinhando as
 mas do cafezal de cima para baixo,
 no sentido em que as águas correm.

Na parte inferior desse mesmo
 painel, figura uma caixa-forte, abe-
 ta, como cópia, jogando papel
 moeda; as pés da caixa, iniciais que
 já foram tomadas como sendo as do
 pintor, mas provavelmente são as
 da dona da casa, Domiciana de Almei-
 da Valim.

No painel da esquerda e
 no da direita, motivos chineses; a chi

na andorã em moda no país e Bana⁸
nal acabava de receber toda uma co-
lônia, procedente de Cantão, que vi-
nhia "para a agricultura" mas lá
nunca chegou, absorvida pelo comér-
cio, pelas lavanderias e fábricas de
fogos, na rua que, por isso mesmo,
tomou o nome que guarda até hoje,
de rua do Fogo.

Na capela, ao rés do chão, mas
cuja altura ocupa todo o pé-direito do
sobrado, e possui uma varanda com
balaustrada de madeira com acesso
do salão nobre, vê-se, à esquerda de
quem entra, um grande painel de 8
metros de extensão por 2,12 de altu-
ra que foi pintado parte sobre
taipa e parte sobre pau-a-pique
(paredes essas que os atuais proprie-
tários, para salvar a pintura da
destruição, conseguiram numa admi-
rável e audaciosa operação, substi-
tuir por outra de tijolo).

N ele estão representadas ce-
nas diversas, não relacionadas en-
tre si. A partir da esquerda, a Nati-

idade: Maria, José, a adoração dos Ma-
 gos; no colo, o Menino, que empunha
 (detalhe surpreendente, quase burlesco)
 um relógio de ouro, grosso patão co-
 lludo na cinta aberta das operendas
 reais! Em seguida, separada da an-
 terior pelo fuste de uma coluna
 tombada, Villarongo se transporta
 para alguma Arábia imaginária
 e bucólica onde circulam cavalei-
 ros com turbantes, pastores, mulheres
 e construções estilo orientais são entre-
 vistas entre palmeiras. Finalmente, na
 extremidade oposta do painel, um re-
 gresso à paisagem tropical, com cons-
 truções, águas correntes.

As pinturas do rialto, fazem
 da situada entre Bananal e seu
 distrito do Arapeí (a mesma ses-
 maria da Arrabida, concedida a An-
 tônio de Araújo Ferraz, em 1778, por
 sua participação na abertura do
 Caminho Novo, são posteriores à
 do Resgate; datam, provavelmente, do
 ano 70, quando a fazenda pertenceia

40

ao Major Cândido Ribeiro Barbosa ou ao seu
filho de igual nome, Barão de Ribeiro Bar-
bosa (em 1884).

Há pinturas murais e sobre tela;
as primeiras decoram as paredes das
salas e da Capela. É provável que
Villaronga tenha trazido da Espanha
esse tipo de decoração, onde estava
muito em moda no século 18, havendo
do mesmo ali, segundo informações
colhidas do atual proprietário do Resga-
te, Carlos Eduardo Machado, duas ca-
tegorias de pintores: os que se dedi-
caram a decorações murais e os que
pintavam quadros, sobre tela. Na par-
te do salão de jantar há um panora-
ma do Rialto que é mais uma plan-
ta de engenheiros do que um trabalho
artístico e, por isso mesmo, ~~de~~ de
grande valor documental.

As telas, retiradas da Fazenda em
1960, pelos proprietários de então, com-
tam de um grande quadro a óleo
(2m 07 por 1,27) reprodução ampliada
da pintura da sala de jantar: repre-
senta o Rialto na fase de sua maior

11
prosperidade, sobre um fundo de paisagem desde o plano do casario da Fazenda, até o alto da Serra do Mar. A casa grande não apresenta nenhum traço da arquitetura rural da época; trata-se de um enorme chalet avarandado que lembra uma vila europeia do Mediterrâneo.

A frente da casa, formando um grande quadrado dentro do qual situam os terreiros de café, aparecem extensos "lanços de casas" (de que falam os inventários do Bananal de meados do século) servindo de senzalas, Tulhas, paióis, engenho, ferraria, carpintaria, enfermaria e mais dependências de serviço das grandes fazendas de então. Repartido esse quadrado pelo meio, uma alameda conduz ao portão monumental, encimado por um torreão com relógio.

As demais telas são: "O Batismo" (Jesus batizado no Jordão por João Batista), a cena iluminada pelo Espírito Santo, e duas pinturas ovais, "Ecce Homo" e "Mater Dolorosa". Cópias, respectivamente, de Guido Reni e Carlo Dolci.

120
ci, "assinadas" por Villarouga com os
nomes dos autores.

Voltando ao Bananal (cidade),
encontra-se na Santa Casa um retrato
de José Ferreira Gonçalves, o Fer-
reirinha", seu fundador e benemerito.
Esse tem a assinatura: J. M. Villa-
rouga. Note-se que nela o duplo
ll castelhano já foi abrasileirado
pelo ponto com um lh, sacrifício
de quem prefere que lhe estropiem o
nome escrito que não o falado.

A direita do quadro, numa moldura,
a inscrição seguinte:

Jtê J. F. G.
Fundador
desta casa
falleceu
pela doença de
1871.

A pintura se situa no tempo, por-
tanto, entre as do Resgate e as do Real-
to. O retratado, "um potentado portu-
guês, alma nobre e filantropica" como
a ele se refere o Prof. Agostinho Ramos
na sua "Pequena História do Bananal",
aparece de corpo inteiro, emergindo uma

indumentária peninsular: calção azul sobre amplos calções brancos, botas altas, armadas de esporas; na mão um "sombreiro" de alta copa e abas largas, que muito lembra aqueles que o lebrer punha na cabeça de seus "tropeiros paulistas", algumas décadas atrás. Talvez que a escolha dos trajes com que o pintor o vestiu (o retrato é póstumo) tenha alguma relação com a nacionalidade portuguesa que lhe atribuíam, embora o benemérito Tenente tenha nascido no Rio de Janeiro em 1778.

A cidade possuiu, com toda a probabilidade, outras obras de Villaronga. As residências dos comendadores Suceano José de Almeida e Manuel de Aguiar Valim, tiveram pinturas a óleo nas paredes; assim o Palacete, do também comendador José de Aguiar Valim (sobrinho de Manuel) e o "Imnibus", chácara da cidade da Baronesa de Joatinga. O decorador não podia por outro senão o espanhol, disputado entre os grandes da terra. Essas residências patricias arrastaram a existência mísera nas

primeiras décadas deste nosso século, até
ruir pela mão do homem ou pela ação
do tempo e do abandono. Algumas de
las ainda lá estão, de pé, envelhecidas
e, naturalmente, despojadas de suas
alfaias, móveis, luminárias e adornos,
inclusive das pinturas que as decoravam,
tudo ante os olhos indiferentes de gerações
desarraigadas ou forâneas.

É provável, ainda, que o pintor
tenha deixado em fazendas e cidades
do vale, por ele percorridas, quadros, re-
tratos e, sobretudo, nas paredes das salas,
aqueles motivos exóticos e fantasistas
que tanto caracterizaram seu temperamento.

Serão deles as cenas de caçadas na
sala de jantar da Fazenda Sincora, resi-
dência do Barão do Rio do Ouro, no mu-
nicípio de Paraíba do Sul? E o panora-
ma da baía do Rio de Janeiro, que se-
ria sua "obra prima" no dizer de um
conhecedor, na Fazenda Paraíso, em Rio
das Flores?

O período de 1850 a 80, deve ter
sido o de maior criatividade de toda vi-
da profissional do pintor, pois não somen-

150
te coincide com a plenitude de seu vigor físico, como com o da maior prosperidade da região em que viveu e produziu. Prestigiado, disputado, lisonjeado — e provavelmente bem remunerado — por uma sociedade que despertava para os refinamentos da arte de bem viver, ele participou com ela daquela quadra brilhante e fugaz.

Sobre Villaronza há muitas interrogações a preencher; muitas perguntas que ainda permanecem sem resposta: quais os círculos que frequentou, no Rio e São Paulo; quais os artistas brasileiros com quem viveu, e até que ponto sua influência sobre eles se refletiu; quais as suas obras aqui não relacionadas? E, finalmente, que destino lhe reservou a sorte, no declínio da vida?

Todas as distribuições sobre ele serão heurísticas, pois permitirão que se reconstrua, peça por peça, a vida artística, profissional e pessoal desse estrangeiro que veio contribuir com sua parcela de arte, de beleza e de fantasia, para formar a vida urbana e rural de uma porção da sociedade brasileira que desfrutou, com ele, do luxo, do pres-

Tigis, e da opulência do reinado efêmero
do café no Vale do Paraíba.

Jalando de Bananal, setembro de 1859:

"No extremo da rua do Comércio, que é a verdadeira rua do lluridor do Bananal, existe uma sólida e bem construida ponte sobre o rio, obra do Sr. Villaronga, mandada construir por conta dos cofres provinciais de São Paulo, e administrada pela câmara municipal deste município!"

Página 48 - "Muitas fazendas de primeira ordem concorrem para a riqueza agrícola deste município. Tive occasião de visitar, além das do Sr. Barão de Bela Vista, a do Sr. Comendador Manuel de Aguiar Valim, que se torna notável não só por ser uma das melhores propriedades do lugar, como pelo gosto com que são pintadas as salas e a capela da sua casa de moradia campestre. As pinturas são devidas ao hábil pincel do Sr. Villaronga.

A sala de visitas, toda de branco com frisos e ornamentos dourados, tem o teto de muito bom gosto, e nos painéis das portas delicadas pinturas representando os pássaros mais bonitos e conhecidos do Brasil pousados nos ramos das árvores ou arbustos de sua predileção, de cujos troncos se vêem pendurar deliciosos e matizados frutos. A sala de jantar e a capela, que é um trabalho de muito preço, não merecem menos elogio."

L. DE A. NOGUEIRA PORTO
Fazenda Maruzen
12850 - Bananal - SP
Brasil

Bananal, 09/06/1984

Muito lhe agradeço a carta do mes passado, hoje recebida, na qual se refere à nossa amiga Cecília a quem já tive a satisfação de encontrar em Bananal e com a qual me correspondo. Como deve saber ela descende do Cons. Pedro Luiz Pereira de Spousa, que aqui se casou com uma senhora da família Almeida Nogueira por parte de mãe e dos Aguiar Vallim por parte de pai, o Com-. Manoel de Aguiar Valim.

N Suplemento Cultural do Estado, publiquei três artigos sobre Villaronga: aqueles que mencionou, de 5 de junho de 77 e 2 de dez. de 79 e ainda o de 18 de julho de 82, este último já em Cultura, caderno de domingo que sucedeu àquele Suplemento. No artigo de 2 de dez. de 79 mencionei alguns fatos relacionados com a passagem do pintor por Campinas, dados que me foram fornecidos pelo João Falchi Trinca, grande conhecedor da história da cidade.

Os dados que agora me fornece, vêm completar aquelas informações; constituem contribuição muito valiosa e interessante para informações que continuo coligindo sobre o artista, tendo em vista um quarto artigo, caso o material novo se mostre suficiente.

Villarongá faleceu em S.Paulo em 1894 "pobre e esquecido". Entre outras obras em Bananal, foi autor da remodelação do teatro S. Cecília (propriedade dos Aguiar Vallim) cujo pano de boca pintou (igualmente desaparecido como o do teatro S.Carlos, de Campinas. Segundo o Carlos Eugênio Marconde de Moura, o pano de boca do teatro de Taubaté também foi obra sua.

Muito grato pelas suas contribuições, aqui fica o seu admirador, parente e amigo, muito cordialmente,

Luiz de A. Nogueira Porto

Celso Maria de Mello Pupo

Rua Barreto Leme, 2449

13.020 - Campinas - SP

Campinas, 5 de março de 1992.

Prezado amigo e parente Embaixador

Luiz de Almeida Nogueira Porto.

Perdoe-me a demora desta minha carta que teve por motivo a minha idade e a minha solidão da viuvez que me amargura com as saudades de uma esposa que me fez marido felicíssimo por mais de sessenta e cinco anos.

Para suportar estas saudades, eu me acumulei de trabalhos e obrigações sem objetivo de remuneração, o que me trouxe atrasos e desordem em outras necessárias atividades, como presença às quartas feiras em sessões do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo, em nossa capital; presença, na mesma capital em sessões da Academia de História do Estado na qual ocupo a cadeira nº 14; presença na Academia Campinense de Letras onde ocupo a cadeira nº 29 e presença no Conselho Municipal do Patrimônio Histórico local. Tudo isto graças à minha saúde física e mental, apesar dos meus noventa e dois anos de idade.

Para atender-lo em sua última pergunta, tenho a dizer-lhe: Convenci-me de que as afirmações que se faziam ao parentesco até de irmãos entre Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, 1º bispo de São Paulo e Tomé Rodrigues Nogueira do Ó, fundador e capitão-mor de Baependi, eram exageradas e carentes de documentação.

Oriundos de um mesmo tronco sim, como afirmam seus brasões de Nogueira. Dom Bernardo pertencia à família Rodrigues Nogueira com casa armoriada em sua terra natal, Santa Marinha-Coimbra; enquanto Tomé Rodrigues, de quem fiz a árvore genealógica reproduzida à fols 228 do meu livro "Campinas, Seu Berço e Juventude" (que lhe estou enviando separado) era Nogueira, filho de Antônio Nogueira e neto paterno de Manuel Lopes Nogueira; Tomé Rodrigues herdou o apelido Rodrigues de sua mãe, de seu avô materno Miguel Rodrigues, do Funchal, de seu bisavô Antônio Rodrigues e

Rua Berreto Leme, 2449

13,020 - Campinas - SP

de seu trisavô Pedro Rodrigues, todos funchalenses da Ilha da Madeira e talvez sem pretensões nobiliárquicas.

Eu sou e digo que sou parente, e me honro de ser, de um embaixador brasileiro, homem honrado, digno, brilhante; e sou Mello legítimo, dos Mellos, Velhos, Cabrais Travassos da Ilha de São Miguel, que trouxeram documento de sua nobreza e o arquivaram na Câmara de Itu, mas não ousou dizer que sou, parente, primo de um ramo de viscondes, nove de condes, tres de marqueses e um de duques que em Portugal assinaram o apelido Mello!

Junco envio-lhe xerox do livro "Notas de Viagem" de Firmino de Albuquerque Diniz que trata de "Joaquim M. Villaronga" querendo se referir a José Maria Villaronga que foi objeto de valioso trabalho seu. Vou procurar um processo judicial que teve elle em Campinas e se o encontrar, dar-lhe-ei notícias.

Seu parente e amigo,

Celsa Maria de Mello Pupo.

Nota: Eu mesmo fui o dactilógrafo; desculpe.

No momento em que íamos levantar-nos, apareceu no salão um velho alto, fisionomia agradável, trajando um costume de casimira parda. Seus densos bigodes, cuidadosamente tratados, e também uma enorme rosa, que trazia na lapela do

paletó, ao lado esquerdo, atraíram a minha atenção e a do Jornalista.

— Conheces aquele cidadão? perguntou o Jornalista ao Dr. Z...

— É o V., um hábil pintor; é filho da Espanha, mas há muitos anos reside no Brasil, e tem percorrido diversas províncias.

Casualmente lançando os olhos para o nosso lado, e vendo o Dr. Z... o pintor aproximou-se de nós, e dirigindo-se a ele disse:

— Oh! meu caro Dr..., então por aqui?

E em seguida cumprimentou-nos.

— Sim, respondeu o Dr. Z..., cá estou em companhia destes amigos.

Feitas as recíprocas apresentações, e troca de frases do estilo em tais ocasiões, o V. tomou uma cadeira junto à nossa mesa.

— Como vê, já acabamos de jantar: entretanto ofereço-lhe café, licor, ou o que mais agradável lhe possa ser, disse eu.

— Aceitarei um cálix de Porto.

Foi logo servido.

— Há bastante tempo que o seu nome não me é estranho: estimo muito que um acaso feliz me permitisse conhecer agora a V. S.; disse o Jornalista.

— Obrigado: francamente falando, nada perdeu em não ter-me conhecido pessoalmente antes, e nada tem a lucrar de encetar hoje relações comigo, respondeu o pintor.

— Não penso assim: é sempre agradável entretê-las com um artista de nome, personificação de constante trabalho, como é o Sr.

— Sim, trabalho sempre: vou fazendo o que posso, ora manejando a brocha, ora de palheta e pincel a pintar o padre, como se costuma dizer: sinto, porém, maior prazer quando estou na minha casa, no Chá, (129) tratando de minhas hortaliças e flores, ou fazendo alguns quitutes; e creia que os faço muito bons; se algum dia quiser apreciá-los, é só ir lá: isto de artista... o diabo queira sê-lo; passa-se por muitos dissabores: a vida é a mesma que a do Judeu Errante, caminhar e caminhar

(129) De propriedade do Barão de Itapetininga. Abrangia toda a baixada do Rio Anhangabaú e o Morro do Chá, alcançando a Rua Nova de São José (R. Líbero Badaró), Largo da Memória, Rua do Paredão (Coronel Xavier de Toledo), Rua da Paíha (R. Sete de Abril), até o Campo dos Curros (Pça. da República), Ladeira do Acu (Av. São João). Em 1855, o Barão cedeu uma faixa de terreno para a abertura da Rua Formosa e, em 1876, seus herdeiros mandaram abrir as ruas Barão de Itapetininga, Conselheiro Crispiniano, 11 de Junho (D. José de Barros) e Vinte e Quatro de Maio.

sempre, sem ter descanso. Ainda o Judeu Errante, ao que parece, era mais feliz; suponho que viveu em tempos, em que não havia tanta anarquia na sociedade: cada um conhecia o seu lugar: hoje os costumes são outros: creia o Sr., o artista luta muito para viver, e a cada passo encontra aborrecimentos.

— Mas a vida é isso mesmo; sempre a luta.

— Concordo: é certo entretanto que há certas contrariedades, tão fora da ordem natural dos acontecimentos, e das previsões humanas, que podem gerar o desânimo, e fazer o artista perder o gosto pela sua carreira. — E eu a tal respeito posso falar com conhecimento do assunto: já por duas vezes quase abandonei a profissão: uma, quando em Campinas, sendo violados meus direitos garantidos por um contrato e tentando a reparação de uma injustiça, encontrei um juiz, que levou quatro anos mais ou menos para proferir a sentença: enquanto isso, prejuízos: e dizia o meu advogado que o juiz era obrigado a decidir a causa no prazo de dois meses: compreendi que a justiça não é feita para o artista.

— Esse fato reproduz-se com freqüência em nosso país; não se dá só relativamente aos interesses de artistas.

— Outra vez encontrei um titular, um argentário, que quis dar-me regras no exercício de minha profissão: não compreendeu que rico pode ficar de uma hora para outra aquele a quem um acaso feliz favoreça; mas isto de adquirir aptidões, aperfeiçoá-las, fazer estudos especiais de uma arte, ou ciência, é coisa que depende de força de vontade, de muita aplicação de persistência no trabalho. Já vê, portanto, que as coisas andam muito tortas neste mundo. Pois não lhe parece singular que um homem, que só pode figurar a título de burra ou de cofre se julgue com habilitações para criticar as obras de arte?

— Na verdade isso está fora de vila e termo.

— Pois é a pura verdade tudo quanto acabo de dizer-lhe.

— Tenho ouvido por vezes falar-se de um trabalho seu na Faculdade de Direito; revela ser o senhor um pintor da escola realista, um revolucionário da arte.

— Não sei a que alude: na Faculdade há vários serviços meus caprichosamente feitos, principalmente os da sala denominada imperial: a pintura decorativa tem sido muito apreciada. Provavelmente o senhor refere-se a essa sala?

— Eu refiro-me à pintura da Justiça: não sei em que sala está: recorda-se como a representou?

— Sim.

— Afastou-se o Sr. do molde clássico, geralmente seguido até hoje.

— Um pouco, sim Sr., afastei-me.

— Como sabe, a Justiça é representada por uma jovem mulher, de olhos vendados, tendo pendente da mão esquerda uma balança e na direita a espada: o Sr. mostrou-se revolucionário; suprimiu a mulher.

— E também a espada.

— Exatamente, e pintou a balança e um punhal.

— Mas que tem isso — acha ruim a idéia?

— Não: apenas deduzo d'isso o que já afirmei; o Sr. é inovador, não se prende aos velhos modelos; tem concepções originais; muito suas: apesar de nada entender da sua arte, penso que não será desacertado qualificá-lo de impressionista: me parece que é a denominação dada aos pintores da nova escola.

— A falar com sinceridade, eu mesmo não sei a que escola pertença: quando estou de pincel na mão faço o que de momento me vem à idéia.

— Ainda isso confirma o que eu disse: não segue os clássicos; pertence à escola do talento livre. Já me disseram que o senhor fez aquela pintura, quando veio de Campinas, impressionado pelo procedimento da Justiça, que dormindo à sono solto, deixava a sua demanda criar cabelos brancos.

— Mais ou menos foi nesse tempo: mas eu não quis fazer alusão a isso; pelo menos essa não foi a minha intenção, o que não obsta que outros suponham o contrário.

— Mas, perdoe-me a curiosidade, porque foi que fez a tal pintura da escola realista na Faculdade, e não em outro qualquer edifício?

— Simples questão de acaso: pintar a Justiça daquele modo, eu o poderia fazer em qualquer outro edifício público desta terra, ou mesmo deste país: aconteceu, porém, que os primeiros trabalhos, de que fui encarregado ao chegar a esta Capital, realizaram-se nas salas da Faculdade. É bem visto que se na ocasião me tivesse caído debaixo do pincel o edifício da Câmara Municipal, ou da Assembléia, o da Relação, o do Palácio do Governo; ou outro, a pintura seria a mesma.

— É provável que os apreciadores da escola clássica, que na representação da Justiça faz aparecer a mulher, a balança e a espada não aplaudam a sua inovação.

— Nem por isso me incomodarei: o que está feito, está feito.

— Creio mesmo que não faltará quem veja naquele seu trabalho, não a pintura da Justiça, mas uma espécie de panfleto, com a única diferença de não ser impresso em pequenos folhetos, e com tinta preta, mas escrito com outras tintas e sobre a parede de uma sala.

— Parede? Não: está no forro da sala da Congregação: em todo caso digo, como Pilatos, **quod scripsi, scripsi**.

Estávamos neste ponto da conversa quando um criado do Hotel aproximou-se do pintor, e comunicou-lhe que na sala de visitas estava uma pessoa, que desejava falar-lhe.

— Naturalmente é um amigo com quem ajustei de me encontrar aqui, disse o Sr. V.

— Não o conheço, respondeu o criado.

— Pois diga a quem me procura que já vou.

Levantou-se dirigindo-se a nós, assim se expressou:

— Estimei muito conhecê-los; sinto que fique interrompida a nossa palestra; se algum dia precisarem de meus serviços, me encontrarão às ordens; creio, porém, que nunca chegará essa ocasião, porque os senhores são os donos da terra, e eu um velho estrangeiro: para que diabo poderei prestar?

— Oh! Sr. V. não diga isso; presta para muito; respondeu o Jornalista.

— Ainda se eu estivesse na Espanha, e os senhores para ali fossem, eu poderia acompanhá-los aos passeios e mostrar-lhes as curiosidades da pátria do Cid, o Campeador: ser-lhes-ia bem útil.

— E provavelmente começaria por nos fazer, ver a célebre arca ou baú, em que o Cid levava o dinheiro aos campos de batalha para pagar as tropas: dizem que é um objeto, que os Cicerones não deixam de mostrar aos viajantes.

— É verdade; eu o vi; lá está pendurado no alto de uma das paredes da sacristia, na Catedral de Burgos: mas desconfio muito que a tal arca tanto foi do Cid como este Grande Hotel é meu: se eu até duvido da existência do Cid.

— Como? Então o senhor está alistado nas fileiras dos demolidores da história.

— Qual história! Não há país que não tenha seus mitos, suas lendas, e mais que os outros a Espanha e a Alemanha os têm. Eu suponho que o Cid é uma invenção de meus patrícios, que em geral são dotados de uma fértil imaginação: é assim como o Fausto da lenda alemã, que, segundo se diz; quando encontrava obstáculos em seu caminho facilmente os eliminava. Ora posso eu crer que seja verdade o que se conta do Fausto? Por exemplo: que uma vez em uma estrada da Alemanha, tendo diante de si a embarçar-lhe a passagem um campônio guiando um cavalo, que conduzia um carro de feno, engoliu tudo rapidamente e prosseguiu em sua viagem. Isto de inventar grandes homens é balda velha dos historiadores; abusam da credulidade pública; pintam o padre, dão grande vulto

às coisas; até chegar um dia, o povo fica mais civilizado, e ri-se das invenções. Os senhores também têm seus mitos, e alguns já começam a desaparecer: poucas pessoas já haverá que acredite neles: ora qual dos senhores crê que o Padre Manoel da Fonseca, escrevendo a vida de Belchior de Pontes, diz a verdade, quando narra que o Belchior uma noite saiu ali do antigo convento anexo ao Colégio, onde morava, e foi confessar um frade no caminho de Goiás, e em outra — foi fazer o mesmo a uma índia, que estava em Goa; tendo voltado ao Colégio de madrugada: ora isto!... Entretanto naqueles bons tempos a coisa passava por verdadeira: ninguém seria capaz de duvidar de tais fatos. Creiam os senhores, ainda há aí por esse mundo muitos Manuéis da Fonseca a forgicar essas ações maravilhosas, e a inventar Belchiores; e não falta claque para os aplausos; o certo é porém que é bastante difícil encontrar muita gente a engolir araras.

O pintor despediu-se de nós e retirou-se.

Em seguida meus companheiros e eu fomos para o meu quarto, e em caminho dizia o Jornalista:

— Ora eis aí o acaso a nos proporcionar duas tardes de novo passatempo: ontem no jardim do Marco de Meia Légua esteve ao nosso lado a Carmen, contando-nos a sua história; hoje aqui tivemos o pintor, a distrair-nos com as suas sátiras.

— Devemos portanto a essa filha e a esse filho das Espanhas, atalhou o Dr. Z... gracejando, a agradável distração, de que gozamos: é caso de se lhes dar um presente: não achas?

— Não vou por aí, respondeu o Jornalista: comprometo-me porém se a Carmen aparecer lá, onde moro, a convidá-la para uma ceia, mas com a condição de me contar alguns episódios mais íntimos de sua vida... Alexandre Dumas dizia: há mulheres para o templo, há para o lar, e há para a rua: quero verificar de modo a convencer-me plenamente se a cigana nasceu com o destino de ser mulher para a rua.

— E quanto ao pintor?

— Se alguém precisar dos serviços de sua arte, aconselharei que o mande chamar; principalmente se esse alguém tiver necessidade de algum quadro que represente a Justiça.

VILLARONGA - José Maria, decorador. Fazenda Resgate.
Bananal SP Salão de visitas.



VILLARONGA - José Maria Decorador

Fazenda Resgate

O salão de visitas:



VILLARONGA - José maria, decorador.
Bananal SP

Fazenda Resgate.
Salão de visitas.



VILLARONGA - José Maria, decorador.

BANANAL SP

Fazenda Resgate, salão de jantar.



VILLARONGA - José Maria, decorador.

BANANAL SP

Salão de Jantar.



— Pintura decorativa da sala de jantar, de significado simbólico.



VILLARONGA - José Maria, decorador. Fazenda Resgate.

BANANAL SP

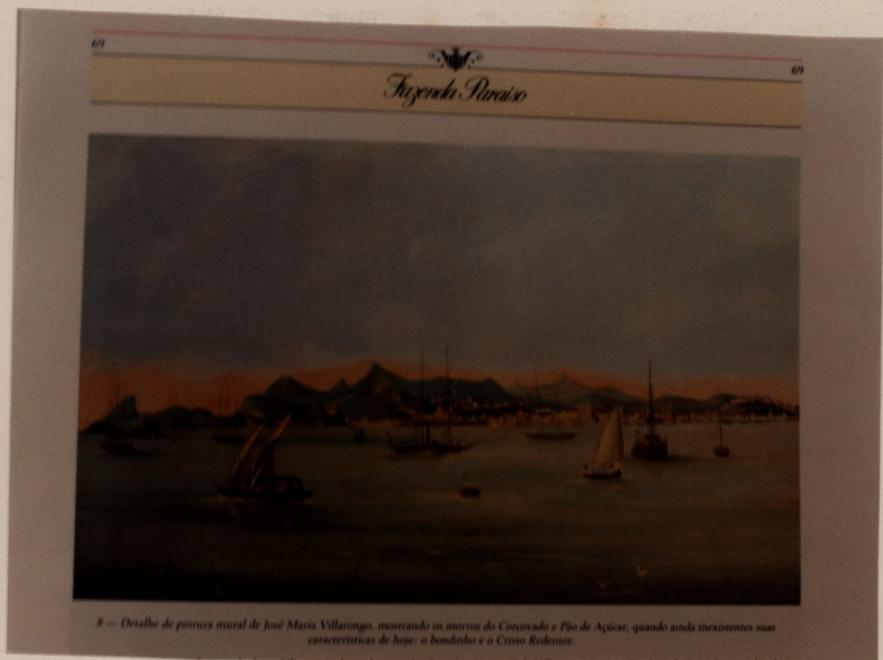
Bandeira de porta:



Fazenda Paraíso - decorador, VILLARONGA:

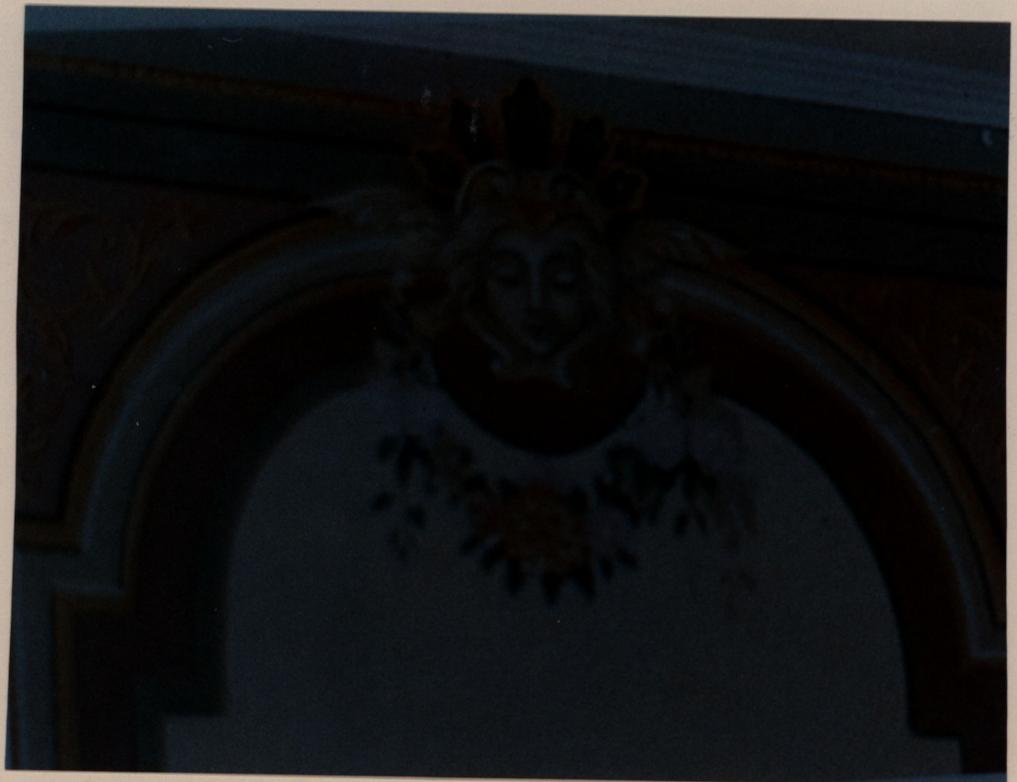


Decorador: José Maria Villaronga
Fazenda "Paraiso" - Valença RJ



Fazenda Paraiso

Decorador: José Maria Villarenga
Fazenda São Filipe - Belmiro Braga MG



Fazer novas - feitas 4-III-92

Alles

Visconti, Eliseu d'Ángelo

Exposições ("Cidade" 24. VII - 1907

Theodoro Braga, 240

Pintou o retrato de Nicolina Vaz

"Jornal de domingo - 22-XI-1992

Culturas européias em porcelana

A pintura em porcelana ganha outra concepção nas mãos da artista plástica Denise Roulet Westphalen. Seus trabalhos, em exposição na Galeria Coreto do Conservatório Carlos Gomes, são verdadeiras vitrines da pesquisa que realiza nas culturas alemã, dinamarquesa e húngara.

Formada pela Universidade de Mackenzie, em São Paulo, Denise tem se dedicado à pintura em porcelana há 10 anos. Entre suas obras figuram pratos, vasos, cachepôs, lustres e painéis de azulejos. A artista se lembra, com orgulho, dos 200 azulejos pintados para um banheiro de uma cliente no Cambuí. "Foi um trabalho muito árduo. No final, já tinha até decorado o desenho", brinca.

Em seu ateliê, onde também dá aulas de pintura, Denise faz questão de ensinar a arte embasada em pesquisas. "Eu e meus alunos primeiro vamos até os livros, ou até outro objeto de consulta para depois compormos a obra. Sou fiel ao propósito de manufatura antiga", afirma.

Entre as técnicas mais utilizadas por Denise estão o "rouen", (azul e branco), nas



Um dos pratos da artista plástica Denise Roulet

flores de "meissen" (buquês de flores naturais) o estilo colonial português (mais usado em azulejos) e o "vieux nyon" (técnica utilitária que consiste na utilização de ouro fosco).

Denise Roulet Westphalen está expondo seus trabalhos de pintura em porcelana na Galeria Coreto do Conservatório Carlos Gomes. A mostra pode ser vista de segunda à sexta, das 8 às 22 horas, e aos sábados, das 8 às 12 horas. Rua Emilio Ribas, 619, Cambuí. Maiores informações pelo fone 51-7280.

Mostra de J. Zanellato



O artista campineiro J. Zanellato expôs com sucesso, na Galeria Cultura, Rua Líbero Badaró, 39, em São Paulo, desenhos a bico de pena de sua autoria, numa atividade promovida pela Secretaria da Cultura do Estado. Fabre Rolim, membro da APCA, ABCA e AICA, no folheto de apresentação da mostra, que se encerrou dia 9, afirma que «a técnica de Zanellato, no bico de pena, alcança um nível magistral de integração com as nuances interpretativas dos personagens retratados».

José Roberto Zanellato, ainda jovem, desponta no cenário artístico e tem obtido diversas premiações, entre as quais as dos salões de artes plásticas e arte contemporânea de Atibaia, Limeira, Rio Claro, Sorocaba, Jundiaí, Piracicaba, São Caetano e Ribeirão Preto. Participou ainda de várias exposições individuais e coletivas e tem sua obra «Paisagem Rebuscada para 1999», no Museu de Artes Plásticas de Taubaté e «Liberdade», no Museu de Arte de Ribeirão Preto.

A foto mostra um dos desenhos de Zanellato, onde o misto da realidade e do sonho passa a ser resultado dos impulsos criativos pessoais.

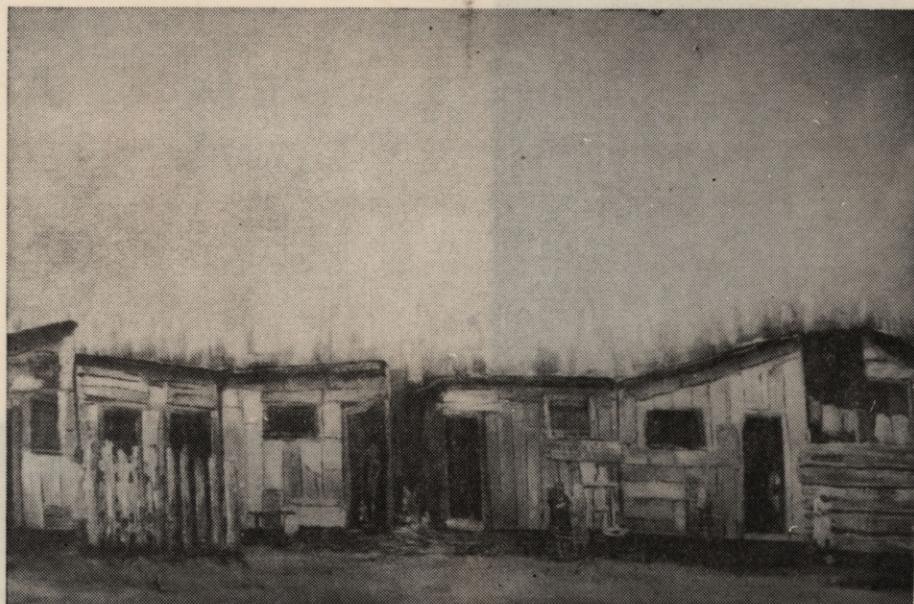
Correio Popular - 24-V-1980

Zani - Amadeu

No jardim de Praça Bento Quirin, ma-
quado a 18-IV-1918.

Herma do Padre José de Anchieta
maquado no ~~Praça jardim Carlos~~
~~Somes~~ (segunda) Benjamim Constant-
Sto. Anchieta

Vêja album especial



A ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO

NOTRE DAME

APRESENTA
EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL DE
PINTURAS

Irmão Roberto, C.S.C.

COCKTAIL DE INAUGURAÇÃO
DIA 1 DE JULHO DE 1977 - ÀS 20 HORAS

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS
RUA MARECHAL DEODORO, 525

A EXPOSIÇÃO FICARÁ ABERTA NOS DIAS
2 E 3 DE JULHO DAS 14 ÀS 22 HORAS

Óleos do Irmão Roberto Weimann, C.S.C.



Exposição na Academia Campinense de Letras
a 1/7/1977.

Óleos do Irmão Roberto Weimann, C.S.C.



Exposição na Academia Campinense de Letras
a 1/7/1977.

Óleos do Irmão Roberto Weimann, C.S.C.



Exposição na Academia Campinense de Letras
a 1/7/1977.

Óleos do Irmão Roberto Weimann, C.S.C.



Exposição na Academia Campinense de Letras
a 1/7/1977.

Ettore Timenes

Autor do monumento a Rui Barbosa,
em Campinas, na praça Carlos Gomes

Viz album especial

Udis

Zacarias, Antonio
noticia (Boletín 16-V-1879)

Zadig - William

Monumento a Ulavo Bilac em São Paulo,
na Revista Ilustração Brasileira, no numero com-
memorativo do centenário da Independência de
7 de setembro de 1922, páginas sem numero, com
oito fotografias.

Retrato em bronze de Sr. João Batista Correia Neri
1º Bispo Loude. No Museu Arquidiocesano de
Campinas-SP. Último



Monumento a Ulavo Bilac, primitivamente
te colocado no fim da Avenida Higienis-
polis, depois desmontado indo a parte
de um casal amoroso da esquerda da
foto, para a frente da Faculdade de
Direito de São Paulo

É autor do busto de João Mendes de Almeida
que está na praça do mesmo nome em São Paulo,
bela trabalho feito em 1913.